

X COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO À TRAGÉDIA DE
CAMARATE

T.C.

18 DE JULHO DE 2013

- 1- aos Srs. Deputados
- 2- 4 Reencontros

(32.^a REUNIÃO)



ORDEM DE TRABALHOS:

1. AUDIÇÃO DO COMANDANTE CARLOS ALBERTO D'OREY JUZARTE RÔLO;
2. OUTROS ASSUNTOS.

SUMÁRIO

O Sr. Presidente (José de Matos Rosa) deu início à reunião às 10 horas e 53 minutos.

O Sr. Deputado José Ribeiro e Castro (CDS-PP), na sequência da audição do Sr. Fernando Farinha Simões, requereu a solicitação de informações à Embaixada dos Estados Unidos da América, tendo-se também pronunciado o Sr. Deputado Miguel Santos (PSD).

O Sr. Comandante Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo, ex-administrador da fábrica Explosivos da Trafaria, entre 1978 e 1986, respondeu aos Srs. Deputados José Ribeiro e Castro (CDS-PP), Pedro do Ó Ramos (PSD) e Isabel Oneto e Inês de Medeiros (PS) e também ao Sr. Representante dos Familiares das Vítimas Dr. Luís Filipe Rocha.

O Sr. Deputado José Ribeiro e Castro (CDS-PP) manifestou a sua indignação por nem o Ministério da Defesa Nacional nem o Estado-Maior-General das Forças Armadas responderem aos ofícios da Comissão a solicitarem documentação mencionada no livro de registos de correspondência do CEMGFA, constante do relatório da Inspeção-Geral de Finanças.

A Sr.^a Presidente (Andreia Neto) encerrou a reunião às 13 horas e 17 minutos.

O Sr. **Presidente** (José de Matos Rosa): — Srs. Deputados, declaro aberta a reunião.

Eram 10 horas e 53 minutos.

Srs. Deputados, hoje temos a audição do Sr. Comandante Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, peço a palavra.

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, quero, em nome do CDS, dizer que já, em vezes anteriores, sugeri ao Sr. Presidente da Comissão que reunisse com os Embaixadores do Estados Unidos e da República Federal da Alemanha, dando-lhe conta de alguns aspetos que podem ter a ver com os respetivos países e com o curso dos nossos trabalhos, e ir averiguando o grau de colaboração que poderemos ter nas diligências que tenhamos de desenvolver. Não sei que ponderação foi ou não feita sobre isso, mas parece-me indispensável e, face ao que se passou ontem aqui, na Comissão, com o depoimento do Sr. Fernando Farinha Simões, creio que isso é imperioso — imperioso! —, nomeadamente contra os Estados Unidos da América.

O que o Sr. Fernando Farinha Simões disse não é totalmente novo, consta de textos que ele próprio já escreveu, e, que, portanto, são públicos, estão na *Internet*, etc., e que ele próprio, em certo sentido, corroborou, lendo, aliás, vários trechos, mas acrescentou mais algumas coisas, que são

de uma gravidade extrema. São, repito, de uma gravidade extrema! E, pelo lado do CDS, nós não tencionamos diminuir a gravidade do que aqui foi dito, seja verdade ou seja mentira.

É da maior gravidade que, perante uma comissão de inquérito de um órgão de soberania, a Assembleia da República, que averigua a morte de um Primeiro-Ministro, de um Ministro da Defesa e dos seus acompanhantes, alguém nos venha dizer que a ordem para esse atentado lhe foi dada pelo Diretor-Adjunto da CIA, antigo Embaixador em Portugal, Sr. Frank Carlucci, que isso era do conhecimento de Henry Kissinger, antigo Secretário de Estado norte-americano, que ter-se-ia encontrado com ele em Portugal, em outubro (é um mistério essa deslocação, não sabemos se ocorreu ou não, mas já lá irei), e também em Paris. Além de outras referências várias, com a CIA, etc., e o Sr. Frank Sturgis, etc., não vou abundar sobre isto, disse, em resposta a uma pergunta minha, aliás, que a confirmação da ordem de execução do atentado lhe foi dada por telefone por um senhor que dá pelo nome de William Hasselberg, em telefonema que fez para a Embaixada dos Estados Unidos em Lisboa.

Isto é um facto da maior gravidade, que não podemos deixar no ar, como se fosse apenas um episódio telenovelesco ou um folhetim jornalístico, e, portanto, cabe-nos averiguar. Eu não dou nem muita nem pouca credibilidade a este tipo de afirmações, é um facto que nos foi declarado e é um facto que temos de verificar se é verdade ou mentira, para que, se for verdade, quem cometeu estes atos seja individualmente responsabilizado, e, no caso de ser mentira, não deixarmos nenhuma sombra nas relações entre Portugal e os Estados Unidos, que são países, no meu entender, amigos e aliados. Mas nós, sendo um órgão de soberania, não podemos deixar sombra de dúvida sobre estas questões.

É este o sentido do meu apelo e do meu sublinhado. Creio que temos de tratar esta matéria com o maior rigor e a maior seriedade, independentemente do juízo que cada um de nós faça sobre a personalidade do depoente, no sentido da confirmação ou do desmentido de vários factos, tais como: se Oliver North esteve, ou não, em Portugal; se Kissinger esteve, ou não, em Portugal, em outubro, uma questão que também já tinha sido suscitada num depoimento anterior do Coronel Hugo Rocha. Eu propendia a achar que não era verdade, que havia um erro de data, porque só chegámos à verificação de que ele tinha estado cá, e este é um facto público, notório e noticiado, em novembro do mesmo ano, haveria, portanto, aí um equívoco, mas, enfim, as afirmações de ontem repõem outra vez a dúvida.

Bom, e há outros factos, vários, sobre as movimentações destes indivíduos que Fernando Farinha Simões refere, sejam pessoas com as mais altas responsabilidades, antigas no aparelho de Estado dos Estados Unidos, sejam os agentes operacionais. A colaboração da Embaixada dos Estados Unidos e dos serviços do departamento de Estado e outros da administração norte americana é absolutamente indispensável.

Portanto, em homenagem à verdade e às boas relações entre Portugal e os Estados Unidos, creio que essa conversa tem de ser tida no tempo e no modo que for adequado para que nós possamos chegar a conclusões sem sombra de dúvida nesta matéria.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Santos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Muito obrigado, Sr. Presidente. Muito bom dia a todos.

Quero, em primeiro lugar, dar nota à Comissão de que, facto, chegou a resposta, por parte dos serviços prisionais, relativamente às visitas que o Carlos Miranda e o Fernando Farinha Simões receberam, mas ela é absolutamente insuficiente. Ou seja, nós não limitamos a pergunta em termos de tempo, mas a resposta, por iniciativa de quem responde, vem limitada a um determinado tempo, e nós queremos a resposta relativa a todo o tempo, a um tempo alargado. Julgo que já deu entrada o requerimento, preparámos isso ontem, e, portanto, vamos repetir a pergunta.

Relativamente às visitas ao Sr. Carlos Miranda, nem sequer obtivemos resposta, ou, melhor, obtivemos uma resposta que não identifica rigorosamente ninguém por dificuldades de registo. Portanto, repetimos a pergunta.

O outro assunto tem a ver com os números de telefone que o Sr. Fernando Farinha Simões nos deixou ontem como sendo de casa ou do escritório,...

O Sr. Presidente: — Do escritório.

O Sr. Miguel Santos (PSD): — ... do escritório do Sr. Frank Carlucci. E, como não podemos ficar com os números de telefone sem fazer rigorosamente nada, parece-me que o mecanismo mais simples e mais célere é, efetivamente, a mesa, e, portanto, o Sr. Presidente eventualmente, fazer um telefonema para esses números e perguntar de onde fala. Quer dizer, é uma coisa simples, eu sei, e assim um bocadinho *ad hoc*, não é assim uma coisa muito normal, muito regular, mas acho que, para não nos enlearmos em ofícios ou em pedidos para trás e para a frente, devemos pegar num telefone, fazer uma ligação para esses números e perguntar de

onde fala e, se se identificarem como sendo do Sr. Frank Carlucci ou de alguém ligado ao Sr. Frank Carlucci, explicar, para as pessoas não serem enganadas, e, se for de uma casa particular ou seja de quem for, dizer que é *wrong number*, e está o assunto feito.

Portanto, era o que sugiro que se faça.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado, Sr. Deputado.

Sr. Deputado Ribeiro e Castro, peço-lhe que faça um memorando à mesa desta Comissão com todos os pontos que querem que sejam abordados e eu farei os contactos diretamente com o Sr. Embaixador, sendo que, com toda a sinceridade, antes farei um pequeno contacto com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, no sentido de saber se haverá, ou não, algum constrangimento para o Ministério. Farei todos esses contactos. Se o Sr. Deputado fizer o favor de fazer um pequeno memorando sobre essas situações que têm sido discutidas aqui, mais facilmente cumprirei o guião que me está destinado nessa matéria.

Sr. Deputado Miguel Santos, quanto à questão das visitas, que acabou de referir, já assinei hoje de manhã o ofício a pedir novamente os dados, com resposta célere e urgente.

Sobre a segunda questão, vamos fazer esse tal telefonema, será outra hipótese que teremos. Eu estava a juntar esta questão com a da abordagem à Embaixada dos Estados Unidos da América, que seria levar os números de telefone e perguntar também e eles se poderiam saber e confirmar mesmo se aqueles números são efetivamente do Sr. Frank Carlucci, de casa e do escritório, e se ele tem uma secretária de nome Carrie. Aproveitávamos e resolveríamos dois problemas de uma só vez, sendo que há um pressuposto meu, em termos pessoais, como Presidente da Comissão, que é contactar, e refiro-o já aos Srs. Deputados, o Ministério

dos Negócios Estrangeiros para o informar de que irei fazer este contacto e perguntar se há constrangimentos, mas, como este contacto tem de ser rápido, até irei lá eu, pessoalmente, se for necessário, falar com o Sr. Ministro ou com a sua assessoria jurídica e diplomática.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Dá-me licença, Sr. Presidente?

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado Miguel Santos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Independentemente disso, a minha sugestão para a realização do telefonema vai ser feita? Acolhe essa...?

O Sr. **Presidente**: — Sim, sim. Faríamos já um telefonema pré-confirmatório da questão,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. **Presidente**: — ... só para descargo de consciência, porque não podemos gravar. Podemos ter três ou quatro testemunhas e até podemos pôr em alta voz, mas nunca terá um carácter muito... É uma confirmação normalíssima.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Presidente, um telefonema destes é efetivamente uma coisa...

O Sr. **Presidente**: — Muito simples e sem...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... simples, mas algo irregular, parece-me. Estamos aqui a tentar facilitar um bocado.

O Sr. **Presidente**: — Claro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Assim, sugeria que fosse na responsabilidade do Sr. Presidente fazer esse telefonema, sem alta voz e sem gravação,...

O Sr. **Presidente**: — Não se põe em causa, sequer, isso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... porque, depois, bastará o Sr. Presidente informar-nos do que resultou,...

O Sr. **Presidente**: — Claro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... e, para mim, é suficiente aquilo que disser.

O Sr. **Presidente**: — Está combinado.

Srs. Deputados, posso mandar entrar o nosso convidado?

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, peço a palavra.

O Sr. **Presidente**: — Faça favor, Sr. Deputado Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, se bem entendi, o Sr. Presidente pretende que o CDS apresente um requerimento por escrito, e assim farei.

O Sr. **Presidente**: — *(Por não ter falado ao microfone, não foi possível registar as palavras do orador.)*

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Assim farei, Sr. Presidente.

De qualquer forma, sobre isso, também gostava de acrescentar o seguinte, porque, assim, escuso de o referir no texto, uma vez que são questões procedimentais: de facto, parece-me correto que o Sr. Presidente, antes de proceder a qualquer diligência, conforme solicitei, informe a Sr.^a Presidente da Assembleia da República, a Secretaria de Estado dos Assuntos Parlamentares e o Governo, porque há aqui matéria que pode ter algum melindre diplomático. De qualquer forma, isto não significa, da nossa parte, nenhum tipo de aval às acusações que foram feitas pelo Sr. Farinha Simões, traduz apenas o conhecimento da gravidade das afirmações, a vontade de proceder seriamente e a necessidade de levar até às últimas consequências o que aqui foi dito, e, portanto, a necessidade de termos a colaboração, ativa, dos departamentos competentes das autoridades desses dois Estados estrangeiros e amigos de Portugal.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, eu até vou solicitar aos serviços a transcrição, com urgência, da ata de ontem, para a poder juntar, porque uma coisa é um documento a circular na *Internet* e outra é o depoimento escrito de um depoente que veio aqui, à Comissão de Inquérito, porque a responsabilidade é muito maior, por tudo e mais alguma coisa.

Portanto, vou pedir aos serviços da Assembleia urgência na transcrição da ata de ontem, para se poder juntar e assim se verificarem essas afirmações.

Faça favor, Sr. Deputado.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Eu corroboro o que o Sr. Presidente disse e recordo que essas afirmações, além de terem sido produzidas perante uma comissão de inquérito do Parlamento, foram produzidas sob juramento, que foi solicitado no início da reunião. Lembro que essa ata, embora possa circular pelas entidades que venhamos a consultar, ainda está coberta pelo regime, digamos, de porta fechada, não estando, portanto, em condições de ser divulgada. A circulação terá de ser sempre restrita e gerida pela mesa da Comissão.

O Sr. **Presidente**: — Tomo a devida nota, Sr. Deputado, e agradecemos.

Srs. Deputados, terminado este ponto prévio à audição, peço aos serviços que façam entrar o nosso depoente de hoje.

Pausa.

Começo por dar as boas-vindas ao Sr. Comandante Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo, a quem, para já, peço que se identifique.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo** (ex-administrador da fábrica Explosivos da Trafaria, entre 1978 e 1986): — Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Comandante, «A Comissão de Inquérito Parlamentar tem por objeto dar continuidade à averiguação cabal das causas e circunstâncias em que, no dia 4 de dezembro de 1980, ocorreu a morte do Primeiro-Ministro Francisco Sá Carneiro, do Ministro da Defesa Adelino Amaro da Costa e dos seus acompanhantes, nos termos do disposto na Resolução da Assembleia da República n.º 91/2012, de 24 de Julho (...)».

Quero informá-lo de que o seu depoimento é feito sob juramento, nos termos do n.º 1 do artigo 132.º do Código de Processo Penal, pelo que pergunto se jura dizer a verdade e somente a verdade.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, juro dizer a verdade.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Comandante, informo-o de que, se se tivesse recusado a fazer o juramento, a sua recusa configurava o crime de desobediência qualificada, nos termos do artigo 19.º da Lei n.º 5/93, de 1 de março, com as alterações posteriores do artigo 348.º, n.º 2, do Código Penal, cuja sanção é uma pena de prisão até 2 anos ou multa até 240 dias.

Se se recusar a depor, é informado de que a sua recusa configura o crime de desobediência qualificada, nos termos do artigo 19.º da Lei n.º 5/93, de 1 de março, com as alterações posteriores do artigo 348.º, n.º 2, do Código Penal, cuja sanção é uma pena de prisão até 2 anos ou multa até 240 dias.

Tenho, ainda, de o informar de que, se prestar depoimento falso, pratica o crime de falsidade de testemunho, previsto no artigo 360.º do Código Penal, punido com prisão até 5 anos ou multa até 600 dias.

Quero informá-lo de que temos a seguinte grelha de tempos: a 1.^a ronda será de 5 minutos por grupo parlamentar e por representante dos familiares das vítimas para as perguntas e respetivas respostas; a 2.^a ronda será de 3 minutos também por grupo parlamentar e por representante dos familiares das vítimas para as perguntas e respetivas respostas; e, a 3.^a ronda, será de 2 minutos para as perguntas para todos os Deputados de todos os grupos parlamentares e a resposta será no final, se for caso disso.

Finalmente, pergunto-lhe se pretende fazer uma intervenção inicial ou se prefere que passemos já às questões.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr. Presidente, podemos passar já às questões.

O Sr. **Presidente**: — Então, passando às questões, hoje, caberia ao Partido Socialista iniciar as rondas, mas, em virtude da permanência da Sr.^a Deputada Isabel Oneto numa outra comissão, foi-me pedido que começássemos por outro grupo parlamentar, que será o CDS-PP.

Assim sendo, tem a palavra o Sr. Deputado José Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, antes de mais, agradeço a presença do Sr. Comandante Juzarte Rôlo, que cumprimento.

Em primeiro lugar, pergunto-lhe se era administrador da empresa Explosivos da Trafaria no ano de 1980.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, não era administrador. Em 1980, já era diretor da fábrica.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Durante todo o ano de 1980 foi diretor da fábrica?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, desde que entrei para a fábrica até 1986, salvo erro, fiquei sempre como diretor. Exato, de 1980 a 1986.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Nessa qualidade, acompanhava operações de exportação de material de guerra que era produzido na Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, o fabrico era da minha responsabilidade.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O fabrico. E o comércio também? Acompanhava o comércio?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O comércio, não.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mas estava a par das operações que decorriam?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sabia para onde iam e tinha de controlar as saídas, como é evidente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Nessa altura, a Explosivos da Trafaria tinha muito do que se chamou «excedentes de guerra», material produzido anteriormente? Ou não?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Era novo. Comigo, foi sempre novo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sempre novo. Portanto, as operações que envolvessem excedentes de guerra seriam de material que estaria guardado em paióis ou em armazéns de outras entidades.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, mas não na Explosivos da Trafaria.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Tem conhecimento de alguma operação de exportação de material da Explosivos da Trafaria, no ano de 1980, com destino ao Iraque?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nessa altura, sensivelmente, Sr. Deputado, começaram as exportações para o Iraque e para o Irão. Portanto, para o Iraque, sim. Isto foi há 30 anos e, portanto, tenho...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, sim, mas respondeu antecipadamente à segunda pergunta que lhe ia fazer, que era no sentido de saber se tinha memória de que, nessa altura, também houvesse exportação de material produzido na Explosivos da Trafaria para o Irão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — No ano de 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — No período de 1980 a 1986, de certeza absoluta.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — De 1980 a 1986!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não quero dizer-lhe que, em 1980, exportámos, porque não tenho aqui os registos e não estou seguro. Já foi há tanto tempo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E o Sr. Comandante, por acaso, poderia verificar nos registos se há operações de exportação de armas para o Irão, ainda no ano de 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não percebi. Verificar em que registos?

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Se pode, por acaso, verificar, nos seus registos ou em documentos a que tenha acesso...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não tenho, só pedindo à Explosivos da Trafaria, se ainda tiver em arquivo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E esses arquivos existem?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não sei, Sr. Deputado. Saí em 1986, pelo que não sei.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mas deviam existir?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não sei como é que está a funcionar a empresa. Não faço a mínima ideia. Desde 1986, nunca mais lá pus os pés, portanto, não sei dizer-lhe.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mas, nessa altura, havia registos?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Havia registos e deve haver registos.

Estou, agora, a lembrar-me, de repente, que deve haver registos alfandegários, não é?! É que o armamento que saía para o Irão era de um tipo e para o Iraque era de outro. Saía da Explosivos debaixo de escolta da Guarda Fiscal, na altura, sem a qual nada saía de lá, e dirigia-se para os pontos de embarque. E, com certeza, passava nas alfândegas, quer dizer...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Já agora, quais eram os pontos de embarque que a Explosivos da Trafaria mais usava? Era o porto de Lisboa, o porto de Setúbal, o avião...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O porto de Setúbal e o avião.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E o avião, onde? Na base do Montijo ou de Figo Maduro?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Figo Maduro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — No aeroporto da Portela, portanto.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E nas operações de exportação para o Irão e para o Iraque, também era o porto de Setúbal e o Figo Maduro que usavam?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E o destino, para o Iraque, qual era? Ia diretamente para o local de destino ou ia para o Líbano ou fazia escala noutra sítio, como Chipre, por exemplo, para, digamos, despistar o trânsito?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, creio que era direto para o Iraque, mas não estou...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Crê.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Mas isso já não era comigo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E para o Irão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Para o Irão, penso que era direto, porque era... Perdão, para o Iraque era de avião.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, para o Iraque a exportação era por avião.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, as bombas de avião iam de avião.

Para o Irão ia artilharia e eu não sei exatamente como isso se processava. Sei que grande parte saía de Setúbal, mas, depois, como se processava o trânsito já não era comigo. Não sei.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Bom, vou procurar avivar um pouco a sua memória e pode ser que nos possa dizer algo mais preciso, sem prejuízo de verificarmos os registos.

A importância das datas é a seguinte: em outubro de 1980, rebentou a primeira guerra do Golfo, a guerra Irão-Iraque e, portanto, houve uma necessidade maior, da parte de qualquer dos contendores, de material militar. Mas, no Irão, decorria, nessa altura, não só o rescaldo imediato da revolução iraniana, que levou Khomeini ao poder em finais de 1979, mas também a crise dos reféns norte-americanos, que foi em janeiro de 1980. A libertação dos reféns norte-americanos só se produz em janeiro de 1981 e até janeiro de 1981 havia um embargo de venda de armas ao Irão. Portanto,

a ter havido, como algumas notícias referem, operações de exportação de armas para o Irão, seriam altamente secretas, porque eram ilegais. Foi isto que, aliás, deu, mais tarde... Sabe-se que isso existiu, houve até um escândalo célebre nos Estados Unidos, de que se deve recordar, o chamado «Irangate», que consistiu exatamente nisso, em saber-se que havia operações de fornecimento de material e armas ao Irão — um país do «eixo do mal» —, mesmo na pendência da crise dos reféns.

Portanto, tendo presente este contexto, pergunto-lhe se se recorda de que, no final de 1980, tenha havido operações de exportação para o Irão ou se a sua memória se mantém incerta.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Mantém-se incerta, Sr. Deputado, não posso dizer-lhe. Sei que houve uma época em que tivemos de fazer grandes adaptações na fábrica, o que durou algum tempo, e que a partir daí é que se passou a produzir uma certa quantidade e de uma forma expressiva, mas não consigo pôr isso em datas.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Como é que se processavam as autorizações dessas operações de exportação?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Enquanto estava na parte de vendas, passava pelo Ministério da Defesa. Tinha de se obter um **End-User Certificate** e, a partir desse End-User Certificate, perguntava-se ao Ministério da Defesa se se podia fazer a exportação. Havia essa autorização, começava o fabrico e, depois, punha-se a mercadoria no porto.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Ministério da Defesa consultava o Ministério dos Negócios Estrangeiros?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Creio que sim, mas não estou seguro. Mas creio que sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O vosso interlocutor era sempre o Ministério da Defesa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E desses processos com as autorizações e eventuais pareceres do Ministério dos Negócios Estrangeiros era dado conhecimento à Explosivos da Trafaria ou só tinham conhecimento do despacho de autorização? Tinham acesso aos elementos que instruíam a autorização, ou não?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr. Deputado, enquanto estive nas vendas, o volume de vendas de material de guerra propriamente dito foi ridículo e, portanto, lembro-me de falar com o Ministério da Defesa e mais ninguém.

Depois, quando passei para a fábrica, aumentou francamente o volume de vendas e a única coisa que eu sabia era o seguinte: existe autorização, os créditos estão válidos, toca a fazer as encomendas. Mais nada! Esse procedimento saiu-me completamente... Deixei de tocar nisso, não sei nada sobre esse assunto.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Quando é que passou das vendas para a fábrica?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Foi nos finais de 1979, se não me engano.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, a partir de finais de 1979, já o volume de vendas, nomeadamente para estes países, era significativo?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ainda não era.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Ainda não era.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Só depois de todas as modificações feitas na fábrica é que o volume começou a ser... E as modificações demoraram, à vontade, para mais de seis meses.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, ao longo de 1980,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Preparou-se para.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E já ao longo de 1980 o volume de vendas para estes destinos, Iraque e Irão, era significativo, comparando com estatísticas anteriores?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, é do zero para qualquer coisa, mas não... Do produzido na fábrica, não me recordo que fosse muito, muito significativo.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Já agora, o que é que produziam na fábrica com destino a esses países?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Para o Irão, basicamente, granadas de morteiro de 120 e granadas de obuses de 155; para o Iraque, bombas de avião de 250 e 500 e acho que fizemos algumas de 750 kg.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Em 1980, como se recordará, ainda havia o Conselho da Revolução, a autoridade do Ministério da Defesa era bastante limitada e reduzida e estas operações de armamento transitavam pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas, que dependia do Conselho da Revolução.

Houve algumas mudanças de legislação ao longo desse ano. Pergunto-lhe se se recorda quem era, em 1980, exatamente o seu interlocutor. Era o Ministério da Defesa? Era o Estado-Maior-General? Havia um diretor nacional de armamento? Do que é que se recorda dessa altura do processo administrativo da autorização das operações de exportação de armamento?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr. Deputado, como eu digo, em 1980, eu já não tinha a ver com esse setor.

Quem tinha a ver com esse setor eram as vendas e a administração. Eu não tinha nada a ver com esse assunto.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Em 1979, com quem tratava?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Penso que foi por essa altura que apareceu a direção de armamento. Penso, mas não estou seguro. Era com a entidade do Estado com quem deveríamos tratar que tratávamos. Agora, não me peça para dizer quem era, porque não me lembro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Comandante, na Explosivos da Trafaria, trabalhava na fábrica.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Ia com frequência aos escritórios, que eram aqui, em Lisboa, salvo erro perto do Marquês de Pombal.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, lá em cima, na Av.^a Joaquim António de Aguiar.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Na Av.^a Joaquim António de Aguiar, exatamente.

Conhece duas pessoas que dão pelo nome de José Esteves e Sinan Lee Rodrigues?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — José Esteves e... Não!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E, portanto, também não tem memória de alguma vez os ter visto nas instalações da Explosivos da Trafaria.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, não!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Muito obrigado. Não tenho mais perguntas, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Seguindo a ordem, tem a palavra o Sr. Deputado Pedro do Ó Ramos, do PSD.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — O Sr. Comandante foi diretor de vendas de 1978 a 1979 e, em 1980, passou para diretor da fábrica.

Pergunto se também exportavam para Israel, ou seja, se Israel era um destino de exportação.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Quando o destino era o Iraque ou o Irão, nunca tinha como destino prévio, como escala, Israel, para depois ir para um desses países?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Isso não sei dizer, porque, como disse, o trânsito não era comigo. Não sei dizer-lhe, Sr. Deputado.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Com quem era esse trânsito?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era com as vendas.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Quem foi o direito de vendas a partir de 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ora, o Calvão era da administração... Era o... Tem de me deixar recordar, é natural que eu chegue lá daqui a um bocadinho... Mas sei que era um oficial da Marinha e que era do curso do Calvão.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Era oficial da Marinha no ativo?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Era um oficial da Marinha de carreira e que estava, entretanto, na fábrica e na empresa.

Disse com precisão que tipo de armas que fabricavam para o Irão.

Sabia-se que existia um embargo ao Irão, pergunto: alguma vez esse embargo foi furado por parte da Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Que eu saiba, não. Creio que não, que nunca houve... Não! De certeza que não! Que eu saiba, de certeza absoluta que não!

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Então, em que período é que fizeram a venda para o Irão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Deve ter sido a partir de 1981, por aí, que se começou a vender para os dois lados, até porque, para vender aquilo que se vendeu, houve que comprar e modificar a fábrica, e isso demorou bastante tempo.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — O que o Sr. Comandante está a dizer-nos é que, em 1980, não houve vendas para o Irão, porque adaptaram a fábrica, e que, a partir do momento em que fizeram a adaptação da fábrica, que ficou concluída em 1980, a partir de 1981, começaram a fazer vendas para o Irão. Mas, nessa altura, continuava o embargo.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me recordo. Não estou a ver que se tenha feito qualquer exportação durante o embargo. Honestamente, não estou a ver.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Nem uma forma habilidosa de contornar...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Aqueles volumes, não!

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Recordar-se até quando é que foram feitas vendas para o Irão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Até 1985, de certeza.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Portanto, o Sr. Comandante diz-nos que, de 1981 a 1985, terá havido vendas em número significativo para o Irão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sim!

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Conseguir dar uma ideia do volume de negócio?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Vou dizer-lhe um número que tenho de memória, mas a frequência não é muito grande. Por exemplo, 24 camiões TIR de bombas, talvez...! Houve uma altura em que, para o Iraque, era um ritmo muito grande, e «grande» significa semanal ou coisa que o valha. Era carregar um avião, depois outro e depois outro.

Para o Irão o ritmo era mais lento, porque era ao nível do navio. Havia que carregar um navio, havia que fabricar o suficiente para isso. Portanto, era mais lenta a rotação.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Em termos de valores, não faz ideia?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, já não sei dizer.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Sr. Comandante, desculpe a insistência, recorda-se de 1981 a 1985 fazerem-se vendas ao Irão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ao Irão e ao Iraque.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Sr. Comandante, consegue identificar os administradores e os funcionários da empresa, os que conhece, desse período de 1979 a 1986?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Então, em 1979, estava o Eng.º Diogo da Fonseca, estava o General Resende e estava o Garnel.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Como administradores?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Como administradores.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Peço desculpa. Engenheiro Fonseca?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Qual era o primeiro nome?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Diogo.
Depois, sai o Garnel...

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Qual era o primeiro nome?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me lembro do primeiro nome dele, parece-me que era José, mas não estou seguro. Portanto, o Garnel sai e entra o Calvão e, nessa altura, fica ele administrador delegado.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Recorda-se em que altura é que entra o Alpoim Calvão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não sei. Estive ainda um bom bocado com ele, como vendas... Portanto, tem de ser para aí em 1979, em princípios de 1979, por aí.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — E permaneceu como administrador delegado até 1986?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.
Eu saí antes dele.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Ainda não se recordou do diretor de vendas dessa altura?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ainda não. Estou a puxar pela cabeça, mas não me está a vir o nome.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Dos administrativos, recorda-se dos funcionários que estavam aqui, em Lisboa, na Av.^a Joaquim António Aguiar, que, provavelmente, teriam o despacho, do ponto de vista documental?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, havia uma secretária, que era a Maria Luísa, e a havia outra que era a Teresa... Não, a Teresa saiu. Estou a vê-la, mas não me estou a recordar do nome.

A Teresa saiu, de certeza. Era uma outra, mas não me recordo do nome. Mas, basicamente, a Maria Luísa era a secretária da administração.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Sabe se ainda está viva?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Espero bem que sim.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Não teve conhecimento do seu falecimento.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Vou fazer-lhe uma pergunta que tem a ver com a interação com o Exército. Que tipo de relação é que a Explosivos da Trafaria tinha com o Exército? Havia alguma relação

comercial? Forneciam o Exército? Como é que eram processados os pagamentos? Gostaria que nos explicasse um pouco esta relação.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Com o Exército português nós tínhamos dois tipos de relações.

Tínhamos a recuperação de Obuses 14, que foi uma encomenda que deve ter durado uns 8 anos, à vontade, e que, no fundo, consistia em descarregar os obuses existentes, em recuperá-los, em voltar a carregá-los e em fornecê-los de novo ao Exército.

Depois, e recordo-me bem porque foram coisas que deram muito trabalho, ganhámos um concurso para fornecimento de torpedos-bengalórios, que é uma arma antiminas, um chouriço comprido cheio de explosivo, que tivemos de comprar nos Estados Unidos e que, depois, foi um trinta-e-um para conseguirmos importar, para fornecer ao Exército. E talvez tenhamos tido uma encomenda de petardos de TNT ou de cargas focais de TNT, e não me lembro de termos mais nada.

Depois, tínhamos algumas encomendas, que eram anuais, de explosivos civis, como cordão detonante, cordão lento, talvez detonadores e pouco mais.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Essas aquisições eram feitas por ajuste direto ou no âmbito de algum concurso?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Por concurso.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Concurso público ou por convite?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Por concurso restrito. Concorríamos nós normalmente e a Sociedade Portuguesa de Explosivos.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Isso em que período? Consegue datar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Exército comprava praticamente todos os anos estas pequenas coisas. O grande de Obus 14 foi durante muitos anos e aquilo foi difícil de acabar, deve ter acabado em 1985 ou 1986, por aí, e o das cargas focais foi uma coisa pontual.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Recorda-se de como era feito o pagamento do Exército?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me recordo. Sei que não era fácil, com certeza. Mas não me recordo exatamente como era feito. Havia, normalmente, uma garantia bancária; portanto, uma entrada contra uma garantia bancária e, depois, o restante era contra a aprovação e entrega.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Consegue identificar quem na Explosivos da Trafaria, tratava da parte contabilística?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era o Amadeu Cardoso Anaia.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Sr. Comandante, alguma vez ouviu falar do Fundo de Defesa Militar do Ultramar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Li nos jornais, só.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Nunca houve relação entre a Explosivos da Trafaria e esse Fundo de Defesa Militar do Ultramar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Que eu saiba, não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Nunca teve conhecimento disso?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — É verdade, ou não, que parte dos quadros superiores, nomeadamente, das empresas de armamento faziam parte da hierarquia das Forças Armadas? O Sr. Comandante confirma isso?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nem todos. Ao nível dos que funcionavam nas fábricas, penso que na SPEL não estava ninguém do Exército na fábrica. Na Explosivos da Trafaria estava eu e depois havia mais duas ou três pessoas, na fábrica não tinha. Depois, posteriormente, tinha o homem da manutenção, que era um homem de máquinas. Depois, a Braço de Prata, sim; essa era Exército, toda ela.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Não considera isso promíscuo? Repare, estavam a fornecer e também tinham como cliente as próprias Forças Armadas...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, mas eles eram o Exército. Braço de Prata era...

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Aí tudo bem, mas mesmo nas outras empresas.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Aquilo é tão específico e havia tão poucas pessoas com conhecimentos para a coisa que... Não creio que houvesse por aí... É evidente que era muito mais fácil. Se houvesse um problema qualquer com a Marinha, se eu pegasse no telefone e telefonasse para um tipo do meu curso a perguntar o que é que se passava, é evidente que seria muito mais fácil de resolver do que seria se o não conhecesse. Mas, daí, a haver qualquer outro tipo de promiscuidade, não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — O Sr. Comandante, que esteve vários anos nesta empresa, tem algum conhecimento de tráfico de armas? Ou seja, a Explosivos da Trafaria fazia venda lícita de armas, mas o que se sabe é que na altura havia muito tráfico de armas. Gostaria que nos contasse um pouco relativamente a esse assunto. Ou seja, se teve conhecimento e quem fazia esse tráfico de armas.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ouvia falar muito e contavam-se muitas histórias. Havia muitos excedentes do

Exército, isso eu sabia, mas a Explosivos da Trafaria, pelo menos com o meu conhecimento, só funcionou ao nível das munições.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Venda lícita, certo?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, fabricadas ali. Agora, se... não me recordo. Lá pela fábrica não passaram.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — As histórias que ouviu na altura implicavam outras empresas? Ou seja, havia histórias de que outras empresas, para além de fazerem venda lícita, também faziam venda ilícita?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Histórias havia. Sempre ouvi contar essas histórias, mas que eu tenha... Não. Assim, de repente, não estou a lembrar-me de nada.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Teve conhecimento da preocupação do Governo da altura, liderado pelo Dr. Francisco Sá Carneiro, nomeadamente do Ministro da Defesa Amaro da Costa, com a questão do tráfico de armas?

Alguma vez teve conhecimento disto? Isto foi comentado na altura?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Dentro da empresa, não. Comigo não foi de certeza.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — E fora da empresa?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Isso conversava-se normalmente, mas não me recordo de nada de objetivo. Era conversa: «vai fazer isto... vai fazer aquilo...», mas não...

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD) — Recordar-se se, mesmo no âmbito da venda de armas, o Governo tinha uma relação fácil com as empresas. Ou seja, se de alguma maneira, dificultava, ou procurava saber mais informações, atendendo ao tipo de negócio. Como é que era a postura do Governo relativamente a esse tipo de atividade?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Creio que era uma postura de bastante rigor.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — De muito rigor.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Bastante rigor.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Portanto, o Ministério da Defesa tinha muito rigor no tratamento dessa atividade.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Tinha, de certeza. Isso, tinha.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Nessa altura, alguma vez recebeu ou leu um relatório do Ministério da Defesa Nacional sobre o comércio de armas em Portugal?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Não teve conhecimento e nunca viu?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Para finalizar, ouviu falar no Grupo do Congo?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Se me ajudar, posso lá ir, mas, assim, por esse nome, não.

O Sr. **Pedro do Ó Ramos** (PSD): — Na 2.^a ronda, vamos dar mais pormenores. Muito obrigado, Sr. Comandante.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sr.^a Deputada Isabel Oneto, do PS.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Sr. Presidente, começo por cumprimentar o Sr. Comandante, em meu nome e no Grupo Parlamentar do Partido Socialista, pela disponibilidade em estar aqui e por dizer que não tenho, propriamente, muitas questões a colocar.

É possível identificar, para além das que tinham do Iraque e do Irão, encomendas de outros países, como, por exemplo, dos Estados Unidos?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Dos Estados Unidos?

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Tivemos uma encomenda, Sr.^a Deputada, do Líbano, lembro-me bem, de granadas de espingarda, cerca de 2000. Era pouca coisa, cerca de 2000 ou coisa que o valha. As encomendas grandes que tivemos... A Explosivos da Trafaria não produzia armamento, produzia munições, e, portanto, tudo o que era armamento, não me passava sequer pelas mãos, porque nada tínhamos a ver com o assunto. Nós só produzíamos munições. Comprávamos componentes, incorporávamos e vendíamos. No fundo, era o que se fazia.

Portanto, vendas para os Estados Unidos, não!

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Sr. Comandante, deixe-me pôr a pergunta noutros termos: alguma vez teve uma encomenda de um país para ser entregue noutro país?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Eu, não!

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — E não tem conhecimento de que haja esse tipo de prática, no fundo, de um país encomendar e, depois, o destino da encomenda não ser...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim. Tenho conhecimento de que havia essas tentativas, sim, senhor.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Mas eram tentativas ou prática corrente?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Como eu não as realizava, não sei se era prática corrente, ou não.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Mas que se lembre. Situações de que se lembre.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Agora, lembro-me de se falar «não posso exportar para *a*, mas, se exportar para *b*, *b* exporta para *c*». Lembro-me de se falar nisso, mas creio que isso não seria nada fácil, a executar-se.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Mas tem ideia de situações que tenham ocorrido, na altura em que tenha havido...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me recordo de nenhuma.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — ... esses triângulos?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me recordo de nenhuma, Sr.^a Deputada.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — De que forma é que era feito o controlo de material que entrava e que saía? Ou seja, o Sr. Comandante diz que compravam material para poder fazer as munições que depois vendiam.

pergunto: quem é que controlava o *stock* da empresa? Quem é que conferia o *stock* com aquilo que saía?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O controlo dos paióis tinha duas entidades: a entidade administrativa, que dependia da parte administrativa e financeira da empresa, e a parte técnica, que dependia de mim. Portanto, tudo quanto era a arrumação, a segurança e o controlo dos volumes nos paióis dependia de mim; tudo quanto tinha a ver com fluxos financeiros correspondentes a esses movimentos dependia da parte administrativa, tanto na entrada como na saída. Se eram inertes, a entrada processava-se normalmente, como uma entrega vulgar: vinha o camião com uma guia de remessa, conferia-se, guardava-se, e pronto.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — De onde vinham esses inertes? Isto é, de onde vinha esse material?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Vinham espoletas, algumas ativas, dos Estados Unidos e/ou da Bélgica. Agora, não posso concretizar, porque as espoletas para as bombas de avião podiam vir da Bélgica e as espoletas para artilharia podiam vir dos Estados Unidos. Estou a dizer «podiam», Sr.^a Deputada, porque os metálicos eram fabricados aqui, na Fundação de Oeiras e na COMETNA, para as bombas de aviação e eram importados de Israel para as granadas de 155 mm. O TNT tanto vinha da Polónia como vinha do Canadá. O alumínio vinha, normalmente, da Alcoa, dos Estados Unidos. Estes são, assim, os principais. As espoletas e a armação de cauda das bombas de avião, normalmente, vinham dos Estados Unidos. Normalmente, mas a Bélgica

também podia fornecer, e as espoletas para as granadas de 155 mm também. Isto não era feito cá.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Era o Sr. Comandante que fazia o controlo do material que entrava, em termos técnicos, em termos de se saber a quantidade de material que estava, e acompanhava o processo de produção para saber o que saía. Fazia este acerto.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Fazia esse controlo, sim, sim.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Alguma houve algum desacerto entre aquilo que entrou e aquilo que saiu?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Era praticamente impossível que isso acontecesse. E não me lembro, não me recordo.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Sr. Comandante, o meu Colega já perguntou sobre se ouvia falar em tráfico de armas e armamento. Na altura, nesse meio, embora essas coisas sejam normalmente de difícil concretização, quando se falava em tráfico de armas tinha-se a noção das partes interessadas nesse negócio? Se hoje falarmos em tráfico de drogas, provavelmente, conseguiremos identificar alguns circuitos. Podemos não saber em concreto quem compra e quem vende, mas temos a noção dos circuitos e de quem são os interessados. O mesmo acontece nos diamantes e, enfim, em tudo aquilo que representa tráfico ilícito ou seja objeto de crime.

Tem ideia de quem eram as partes interessadas quando se falava nesse tráfico de armas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ó Sr.^a Deputada, havia duas conversas que, às vezes, se ouvia: uma, tinha a ver com armamento sofisticado e, a outra, tinha a ver com armamento comum e armamento já utilizado, que era o que o que existia cá, porque cá não havia armamento sofisticado. O armamento que havia cá e de que se falava era o armamento que estava nos depósitos de Beírolas, que, portanto, o Exército tinha recolhido ou eram excedentes que já não iriam ser usados. Era nisto que se falava normalmente. Do armamento sofisticado, não me recordo de ouvir conversas sobre isso. Comprar nos Estados Unidos para passar no Panamá, para entregar ali ou acolá!? Não!

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Mas, daquele que não era sofisticado, sim, é a segunda conversa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — O segundo lado da conversa que refere.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato. Do não sofisticado, havia, e havia conversas sobre isso, mas penso que nunca se concretizou nada, como disse ao Sr. Deputado.

Deve ter havido vendas legais, feitas, inclusivamente, pelo próprio Exército. Ouvi falar nisso, mas não foram feitas... pelo menos, não passou nada pela fábrica.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Certo, Sr. Comandante. Sei que não consegue concretizar,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — ... mas peço-lhe que tente localizar, que tente referenciar a conversa à época.

Sabendo que havia, provavelmente, bastantes excedentes no Exército, pergunto se é possível concluir ou, pelo menos, perceber se o nosso interesse era o Exército vender e quem eram os destinatários dessa venda.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Creio que o Exército tinha interesse em vender. Os destinatários, isso não...

Quando eu estive nas vendas, concretamente, estava muito mais preocupado em realizar dinheiro com a venda de explosivos civis, para os quais tínhamos bons contratos no Médio Oriente e era preciso continuar a assegurá-los. Depois, quando passei para a fábrica, começou a guerra do Irão e modificou-se um pouco, embora continuássemos a vender os explosivos civis. Mas eu passei a estar completamente fora do circuito. Honestamente, não tinha tempo para mais nada. Estávamos a trabalhar, três turnos, em permanência e não dava para nada.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Sr. Comandante, uma curiosidade, que tem a ver, obviamente, com o interesse empresarial do negócio, o que é normal. O que é que motivou essa vossa adaptação, a adaptação da empresa? Por que se previa a guerra Irão-Iraque? Isto porque, como é

natural, a adaptação de uma empresa faz-se de acordo com as solicitações do mercado.

Qual foi o cenário que levou a que a empresa optasse por fazer um investimento na sua modificação e a ter uma maior capacidade de produção? Sei que também fazia explosivos civis, mas, no fundo, é porque houve um aumento de civis, porque havia mais guerra e, portanto, era necessário abastecer? Enfim, qual foi o cenário, em termos de oportunidade de negócio, que levou a esse investimento no decurso dos anos 80?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr.^a Deputada, quando eu entrei para a Explosivos da Trafaria a localização da fábrica já não era na Trafaria, era no Montijo, ao pé de Rio Frio. Tinha uma área fabulosa de terreno, tinha já um grande número de paióis montados e tinha sido feito um investimento, numa linha de enchimento de bombas de aviação e de granadas de artilharia pesada, mas com o objetivo de fornecer as Forças Armadas Portuguesas. Entretanto, acaba a guerra do ultramar e aquela linha fica parada.

Portanto, o objetivo das vendas foi também o de encontrar ocupação para aquela linha, enquanto se mantinha a linha de explosivos civis a funcionar.

Apareceu a oportunidade com a guerra do Irão-Iraque — e não me peça detalhes, porque eu não estive em nada disso, só me diziam: «Faz isto... arranja-te e organiza...». Portanto, nós adaptámos o que existia, aumentámos, pusemos algumas funcionalidades maiores na linha, criámos zonas de arrefecimento, novas prensas para fazer explosivos intermediários, etc., com vista ao desenvolvimento da linha já existente, que, inclusivamente, dobrou de capacidade. Esta foi a base. Foi isto! Quer

dizer, não foi feito propriamente nada de novo, foi reforçar a capacidade existente e melhorá-la.

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Mas fazem isso no cenário da guerra Iraque-Irão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, já.

Houve uma hipótese de fornecimento à Malásia (estou a recordar-me agora) que também obrigou a algumas melhorias na linha, mas isso foi um concurso que morreu. Portanto, não...

A Sr.^a **Isabel Oneto** (PS): — Muito obrigada, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Tem agora a palavra o Sr. Luís Filipe Rocha.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Bom dia, Sr. Comandante.

Começo por pedir-lhe dois ou três pequenos esclarecimentos sobre o seu currículo.

O Sr. Comandante entrou para a Explosivos da Trafaria em 1978 diretamente para diretor de vendas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Já tinha experiência no ramo, ou...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. A minha especialidade é mergulhador e dentro dessa especialidade o explosivo e as munições, sobretudo o desmontar, faz parte integrante dessa formação. E é esta a razão.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Há bocadinho, falou-se no Comandante Alpoim Calvão, que, penso, terá regressado à Explosivos da Trafaria em 1978, aliás, quando regressou a Portugal.

Foi o Comandante Alpoim Calvão que o convidou?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Já se conheciam da Guiné? Como é que...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu conhecia bastante bem o Calvão, tínhamos feito algumas manobras e estado juntos, mas não foi o Calvão, concretamente, quem me convidou. É capaz de ter havido a mão dele, o que é diferente, mas não foi ele quem me convidou. Quem me convidou foi o General Resende e o Eng.º Diogo da Fonseca.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Entre 1980 e 1986, é diretor da fábrica, sai em 1986, também na altura em que saiu o Comandante Alpoim Calvão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Calvão sai um pouco depois de mim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Dois pequenos esclarecimentos: de 1987 a 1990, a empresa Setram dedicava-se a quê?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A fazer postes de madeira.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — De 1990 a 1993, a Setvide.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era a mesma coisa.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Pelo que pude perceber, não voltou ao ramo da indústria de comércio de armamento.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Vou pedir-lhe ajuda para, no fundo, tentar fazer com que a Comissão perceba um bocadinho as questões relacionadas não diretamente com a Explosivos da Trafaria mas com o comércio e com a ténue fronteira entre comércio e tráfico.

Começar por fazer uma pequenina afirmação e gostaria de saber se o Sr. Comandante a subescreve. A indústria, o comércio e, por consequência, o tráfico sofreram um fortíssimo impulso em Portugal com o início da guerra colonial e, nela, estiveram presentes, desde o princípio, para além de civis, políticos e militares. Com o final da guerra colonial, com o 25 de Abril, com as alterações no poder político, no poder militar, etc., aparecem ligados ao comércio, à indústria e ao tráfico novos políticos e novos militares. Pode dar-nos uma pequenina visão sua deste percurso do comércio, da indústria e, paralelamente, do tráfico de armas em Portugal desde 1961 até 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em 1961, eu era muito novinho, entrei para a escola naval em 1964. Portanto, não tinha a mínima noção do que se passava. Durante todo o tempo em que estive no ativo na Marinha, pouco ou nada se falava nesse assunto, pelo menos nos meios onde eu estava. Depois, quando entrei para a Trafaria é que comecei, concretamente, a saber que isso existia ou, por outra, que havia tráfico, que havia comércio, a saber que havia tudo, mas não estava dentro dele, não estava minimamente ajustado ao fenómeno.

Com aquilo que fui fazendo na parte dos explosivos civis fui percebendo, por parte dos nossos agentes, que havia, na zona do Médio Oriente — que era a zona com que fundamentalmente trabalhávamos, que era o Iraque, a Síria, a Argélia (que é para esquecer) e o Líbano —, alguns agentes que pretendiam entrar no fornecimento de armamento aos exércitos respetivos e que me pediram várias vezes para fornecermos isto, aquilo ou aqueloutro. Se me perguntar se não houve a tentação de arranjar isto ou aquilo, é natural que tenha havido, mas nunca passou disso, nunca passou

de uma tentação e nunca se fez mais do que isso, à exceção das granadas que referi para o Líbano. Isto durante o meu tempo lá.

A partir daí, entrei na fábrica e digo-lhe que, quando entrei, começou este período e eu desliguei-me completamente desse circuito, aliás, porque funcionávamos de forma bastante compartimentada. Não posso ajudá-lo muito mais.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Peço-lhe, uma vez mais, a ajuda da sua memória, porque só numa terceira parte chegaremos à Explosivos da Trafaria.

Vamos abordar a época de 1978/1980, que, no fundo, é a época... Segundo a imprensa, que começou a tratar a partir de 1981 e até 1983, podemos considerar que há, entre 1978 e 1980 — aliás, no fundo, verdadeiramente entre 1976 e 1980 —, três embargos internacionais que é suposto Portugal ter violado: em relação à África do Sul, em relação à Nicarágua do Somoza e em relação ao Irão. Queria pedir-lhe ajuda em relação às duas primeiras, porque sobre a outra falaremos depois com mais detalhe.

Em relação à violação de embargo de armas para a África do Sul, os jornais publicaram, nomeadamente o *Expresso*, em 1981, artigos sobre Portugal e outros países terem furado o bloqueio internacional á África do Sul, que era determinado pelo combate ao *apartheid*, e há, até, um observador dinamarquês que declara, nessa altura: «Portugal está, hoje, para o negócio de armas, como se estava durante a II Guerra Mundial para a espionagem político-militar.» Tem alguma memória de fornecimento de armas, de munições, para a África do Sul, em concreto nos anos entre 1978 e 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Lembro-me desse artigo. Que passasse por nós, fábrica Explosivos da Trafaria, concretamente pelas instalações fabris, quer como trânsito quer como depósito, não.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Mas, pelo menos, lembra-se do artigo e...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Lembro-me do artigo!

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — ... tem ideia de que alguma coisa...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Havia grupos, pessoas ou pequenas empresas (pequenas porque eram compostas por pouca gente) que tentavam fazer esse tipo de comércio, sobretudo com os excedentes do Exército. Mas, não...

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Vamos, aliás, falar de duas pequenas empresas.

Vamos, agora, ver a questão das armas para a Nicarágua do Somoza e recorro a notícias do jornal *Expresso*, de janeiro e março de 1983. Em 1977/78, há uma empresa de que, pelo menos, se deverá recordar, a Avil Têxtil,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Não?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — É uma empresa criada por um senhor chamado João Dias Martins, que trabalhava com um comerciante de armas libanês chamado Sarkis Soghanalian, que chegou a estar preso em Portugal. Ambos, o português e o libanês, burlaram um senhor inglês chamado John Ralph, da firma inglesa Boca Investments.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nada disso me soa.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Nada disto lhe soa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não toca nenhuma campainha, não.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Terá tido participação importante, nesta altura, nomeadamente para a libertação do Soghanalian pela Polícia Judiciária e através do cancelamento do mandato, que sobre ele existia, da

Interpol, um adido americano chamado Robert Schuller, que trabalhava na Embaixada. Também não...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nada!

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Muito bem!

Passamos, então, agora, a uma parte que já diz mais diretamente respeito à Explosivos da Trafaria, que é questão do Irão e Iraque. Tem conhecimento de que, em 1979, perto do final do ano, há uma delegação portuguesa que vai a Bagdad, chefiada pelo Almirante Souto Cruz, em representação do Presidente Eanes, e da qual faz parte o Ministro do Comércio do Governo da Maria de Lurdes Pintasilgo, Acácio Manuel Pereira Magro, que, mais tarde, vem a ser Presidente da Fundação de Oeiras? Essa delegação traz uma primeira encomenda de 200 milhões de dólares. Tem conhecimento se esta encomenda foi total ou parcialmente satisfeita pela Explosivos da Trafaria? É uma encomenda de finais de 1979.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me pode especificar o que é?

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Não sei.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pergunto, porque, para o Iraque, foram exportados, foram sempre muito exportado para as cimenteiras iraquianos, explosivos civis, concretamente dinamite, cordão detonante e detonadores. Agora, não estou a ver 200

milhões de dólares nessa faturação, mas (nós ganhávamos, normalmente, os concursos públicos da Síria e do Iraque) era recorrente fazer exportações volumosas, porque eram para as três cimenteiras iraquianas, de explosivos, era. Agora, esse volume, não sei dizer se atingia.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Sr. Presidente, por agora é tudo. Continuarei na 2.^a ronda.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Comandante, tenho só uma pequena questão, se os Srs. Deputados não se importam, mas gostaria que ficasse bem explícito.

Olhando o seu currículo, foi diretor de vendas de 1978 a 1979 e, de repente, passa a diretor de fábrica. Faz-me um bocado de confusão. Tendo experiência como diretor de vendas, do mercado interno e do mercado externo, havendo novas encomendas (e, se calhar, até trabalhou para elas), por que é que passa a diretor de fábrica, ficando só com a produção,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato!

O Sr. **Presidente**: — ... pelo que percebi, sem ter nada a ver com as vendas?

Era só para tirar esta pequena dúvida.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Foi por uma razão triste. Nessa data, havia uma viagem relacionada com o *upgrade* da fábrica, em que íamos eu e o diretor, e, no dia do embarque, o diretor da

fábrica morreu com uma hemorragia cerebral. Não tínhamos mais ninguém, o Calvão disse-me: «Aceitas?» e eu fui para a fábrica.

A razão é esta.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era o Eng.º Jesus.

O Sr. **Presidente**: — Para dar início à 2.ª ronda, tem palavra o Sr. Deputado José Ribeiro e Castro, a que se seguirá o PSD e o PS, como fizemos na 1.ª ronda.

Faça favor, Sr. Deputado José Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Presidente, não tenho mais questões a colocar.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Santos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Bom dia, Sr. Comandante.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Bom dia, Sr. Deputado.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou colocar-lhe algumas questões que tenho aqui anotadas, mas, de qualquer das formas, peço-lhe que não se restrinja às questões que coloco, ao âmbito direto, a uma resposta direta às questões, tenha a liberdade de, sobre o que se recordar ou vir que está

relacionado com o assunto, de uma forma franca referir algum aspeto que entenda que pode ser relevante.

O Sr. Comandante já referiu que foi convidado pelo General Pinto Resende para ir trabalhar para a empresa Explosivos da Trafaria. Quando foi trabalhar para a Explosivos da Trafaria estava desligado das Forças Armadas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Estava.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Estava na reserva...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Estava na reserva.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Estava na reserva. Portanto, não houve aqui nenhum momento paralelo, digamos assim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Objetivamente, as empresas de armamento são dominadas, entre aspas, mas têm a presença de militares ou ex-militares.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim. Naquela altura, sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ou seja, num país pequeno como o nosso, numas Forças Armadas relativamente pequenas, e presumo que

basicamente as pessoas se conheçam todas, que os militares se conheçam todos,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sim!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... há um número, também relativamente reduzido, de empresas ligadas à indústria de armamento (talvez os 10 dedos das mãos)...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Menos!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Menos ainda! É um meio muito pequeno,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... onde toda a gente se conhece. Quem detinha o capital da Explosivos da Trafaria? Quem eram os donos da Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Deixe-me...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim, claro!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Há um homem, que eu nunca conheci e que me parece ter sido um visionário, que é o Major Fonseca. Esse Major Fonseca formou a Sociedade Portuguesa de Explosivos e é pai do Eng.º Diogo da Fonseca. Não me pergunte exatamente como, mas a Sociedade Portuguesa de Explosivos continuou na sua linha normal e é a grande fornecedora do Exército, sobretudo ao nível dos chamados «explosivos militares» (os petardos TNT, este género de coisas), e, de repente, surgiu uma outra, pequenina e que existia já, que é a Explosivos da Trafaria, que, penso, foi adquirida também pela família Fonseca. Depois, essa muda para o Montijo e separam-se. Grande parte do capital, quando entrei para a Trafaria, era da Sociedade Financeira. A família Fonseca, representada pelo Eng.º Fonseca, tinha uma pequena parte do capital e a União de Explosivos Rio Tinto, espanhola, tinha a outra parte. Esta é a composição acionista de que me recordo, sendo o maioritário a Sociedade Financeira.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pode afirmar-se que o General Pinto Resende era o homem forte da Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pode. Até certa altura, era o homem forte...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era o Presidente do Conselho de Administração?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era o Presidente do Conselho de Administração.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Que compunha com o Eng.º Diogo Fonseca, com o Sr. Comandante e com...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu não. Eu nunca fui administrador.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nunca foi administrador?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nunca fui administrador.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas participava nas reuniões? Estava presente nas reuniões do Conselho de Administração?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Também fazia parte do Conselho de Administração este José Garnel, eventualmente «José»,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... que sai para entrar o Comandante Alpoim Calvão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Já se recordou, entretanto, do nome da...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Estou a ver a pessoa. Ele veio da África do Sul,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... onde estava, porque era casado com uma sul-africana.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Português?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, português.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pode ser que até ao final da audição...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pode ser que até ao final me lembre, senão faço um telefonema e digo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vejamos. O Sr. Comandante é convidado para a Explosivos da Trafaria como diretor de vendas em 1978/79.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Como diretor de vendas tentava promover as vendas, claro! Mas o que é que fez objetivamente, em concreto? Ou seja, que contactos é que estabeleceu e com quem?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Os primeiros contactos que eu fiz foram contactos quase de cobrança; a primeira viagem foi para cobrar.

Portanto, fui para a Argélia, fui para a Síria, fui para o Líbano, fui para o Iraque, e creio que chega.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Isto em 1978/79?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, logo assim que entro, no mês...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, se foi cobrar ao Iraque é porque já havia exportação anterior para o Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Já, já! E ver o que é que se podia fazer, mas, sobretudo, no âmbito dos explosivos civis. Era a grande força, mas, embora se tentasse pôr a funcionar a linha de carregamento de munições, não havia encomendas para isso. E havia um grande óbice: nós não fornecíamos, não tínhamos metálicos para as munições, depois é que a Fundação de Oeiras começa a produzir uns e Braço de Prata produzia o morteiro de 60 e o obus de 120... De 120, não, era mais pequeno. Era o 110 que era produzido em Braço de Prata e carregado na SPEL.

Portanto, nós não tocávamos nesse nicho de mercado, que existia, do Exército. E, como tal, era uma tentativa de se arranjar mais mercado e essa foi a minha primeira ronda. Depois, fui várias vezes, sempre para a venda de explosivos civis, porque isso garantia, de facto, um funcionamento razoável, não precisava de investimento e, ao mesmo tempo, tínhamos uma boa relação com os agentes que tínhamos na zona e a nossa qualidade e preços eram razoáveis e ganhávamos, normalmente, os concursos. Foi isto que fui fazendo!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Enquanto diretor de vendas, fundamentalmente, foi promover o recebimento de valores que estavam para cobrar e aproveitar também essas ocasiões para promover as vendas.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — E reestruturar a parte nacional que também estava...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nessa altura, 1978/79, em que era diretor de vendas, qual era a situação financeira da empresa?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não era famosa!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não era famosa?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Por isso é que andava a tentar cobrar...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não era famosa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, entretanto, há um volte-face ou há uma alteração quando surge a oportunidade de vender armas para o Irão e para o Iraque, alteração esta que provoca uma alteração na fábrica. Ou seja, a fábrica é alterada e preparada para produzir para o Irão e para o Iraque. Como é que surge a oportunidade Irão/Iraque, Irão ou Iraque e separadamente?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Como disse há pouco, a fábrica começa a ser preparada para as bombas de aviação, sobretudo quando a COMETNA começa a produzir corpos de bombas e precisavam de alguém que as carregasse. Portanto, a Explosivos da Trafaria disponibiliza-se a modificar a sua linha de carregamento nesse sentido. E havia também em curso um concurso grande para a Malásia e, portanto, é por aí que começa...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, a fábrica é transformada em virtude da perspectiva de encomendas Irão-Iraque e Malásia.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Malásia e Irão-Iraque!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Malásia e Irão-Iraque! E a fábrica é preparada para poder dar resposta...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... no ano de 1980...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Também começámos a carregar algumas bombas de avião para a Força Aérea Portuguesa, já no...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ano de 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ainda se carregaram bombas nessa altura, para a Força Aérea Portuguesa, sim!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E a tal transformação que é feita na fábrica é em 1980.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em 1980/81!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Em 1981 já estão a vender?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sobre isso não estou seguro. Não posso jurar se estou a vender em 1981, ou não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Como é que surge a perspectiva de negócio Irão-Iraque? Quem é que traz essa perspectiva?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Para mim, foi o Comandante Calvão.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Alpoim Calvão. Em 1980, ou um bocadinho antes, se calhar.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Um bocadinho antes...! Pois!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Imagino que quando rebentam conflitos bélicos, o *core business* das fábricas vai atrás para tentar arranjar clientes, não é?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Como é que isso se faz?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Faz-se de muitas maneiras...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Imagino! Eu consigo imaginar, mas queria era que o Sr. Comandante nos dissesse.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Comandante Calvão tem, com certeza, os seus métodos, eu teria os meus,

mas depende dos contactos que há na zona, dos agentes que se tem sobretudo e das ligações à entidade que compra.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Agentes locais a nível governamental?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Agente local a nível governamental.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, é Alpoim Calvão que traz a perspectiva de negócio Irão-Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sabe através de quem? Só sabe que foi Alpoim Calvão que trouxe. Tem falado com o Comandante Alpoim Calvão nos últimos anos? Mantém uma relação com ele?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Falei antes de ontem.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mantém uma relação de amizade?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Muito grande!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Comandante está cá, em Portugal?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Está. E neste momento está a fazer hemodiálise, infelizmente.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É uma pessoa que eventualmente também nos poderá ajudar a compreender um bocado o funcionamento deste mundo, deste negócio da altura.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Acredito que sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Como é que era a relação entre o General Pinto Resende e o Comandante Alpoim Calvão? O General Pinto Resende era o homem forte da empresa, disse-nos há pouco.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Calvão, quando entra, entra como administrador delegado.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o General era o Presidente do Conselho de Administração.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O General continua Presidente do Conselho de Administração e o Diogo Fonseca continua como administrador. O homem do Rio Tinto, eu nunca o vi... Aliás, vi-o, era representado por um advogado que eu vi uma vez!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O General é o homem forte e Alpoim Calvão acaba por ser o dinamizador da empresa, na medida em que traz os clientes, traz os potenciais negócios.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Falou, há pouco, das secretárias, de uma Maria Luísa, de uma Teresa... O nome Maria Cecília Cantanilha diz-lhe alguma coisa? Não era a secretária do Sr. General?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Do General acho que era a Teresa, do Diogo e depois do Calvão creio que era a Maria Luísa e, depois, havia uma que era a que nos dava apoio, mas não me recordo de momento do nome.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas o General tinha gabinete na empresa...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Tinha

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Frequentava-o diariamente?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sim!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, era ali que era o dia-a-dia dele.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, sim!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, um barco de nome *Princess* (princesa) não lhe diz nada?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não tem memória de ser um barco carregado de armas? A exportação das para o Iraque era por via aérea, mas para o Irão era por via marítima.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — As bombas de avião iam por via aérea.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E para ao Irão, por via marítima?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Por via marítima.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Saída do porto de Setúbal.

Portanto, quando saíam os camiões da Explosivos da Trafaria, e imagino que até viesse uma escolta...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Cada saída de explosivos, fossem eles civis, militares ou o quer que fosse, tinham uma escolta da Guarda Fiscal, na altura. Normalmente, era embarcado um Guarda Fiscal em cada camião, que ia acompanhar a carga até ao destino.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas tinha uma escolta de proteção, também. GNR, talvez?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não havia uma escolta de proteção?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não! Muito pacífico.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A questão do tráfico de armas...

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, peço desculpa por o interromper, mas, como tenho uma necessidade imperiosa de me ausentar da reunião e não se encontra presente nenhum dos vice-presidentes (eu tinha pedido ao Sr. Deputado Raúl de Almeida para me substituir, mas ele encontra-se numa reunião da qual não se pode ausentar), se não houver nenhuma objeção, peço à Sr.^a Deputada Andreia Neto para me substituir, e já estamos na fase final da audição.

Srs. Deputados, tenho imperiosamente de sair, porque tenho de me deslocar ao notário com mais uma série de pessoas para uma situação da política normal, com vários partidos. Com vários partidos, excluindo a esquerda, neste caso.

Portanto, uma vez que não está presente nenhum dos Srs. Vice-Presidentes e, caso não haja qualquer impedimento por parte dos Srs. Deputados, peço à Sr.^a Deputada Andreia Neto que assuma a presidência. Muito obrigado.

Neste momento, assumiu a presidência a Sr.^a Deputada do PSD Andreia Neto.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Então, Sr.^a Presidente em exercício, se me der licença, eu continuava a inquirição.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Faça favor de continuar, Sr. Deputado.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, houve tráfico de armas em Portugal, ou não houve tráfico de armas em Portugal?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ouvi histórias, como todos os que estavam vivos naquela altura, que apareceram nos artigos de jornais, etc. a fazerem essas acusações. Agora, que eu tivesse conhecimento direto, não tive. Que tivesse passado pela fábrica da Trafaria, não passou.

Agora, Sr. Deputado, se houve ou se não houve...!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Dizem que...!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Dizem! Contam!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vamos enquadrar: por tráfico de armas, vamos entender comércio de exportação de armas sem autorização para o efeito, com armas de origem duvidosa, de destino duvidoso ou desconhecido. É disto que falamos, quando falamos de tráfico de armas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Na Explosivos da Trafaria isso nunca aconteceu?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Comigo?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Consigo.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Pela fábrica, também não. Que eu soubesse, também não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E as histórias que ouvia, era porque lia na imprensa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Lia na imprensa. E, depois, havia uns mentideiros há volta daquilo, mas, concretamente, não sei de nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Quem é que lhe falou da exportação ilegal de armas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Quem é que me falou?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Disso, falávamos todos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Todos!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Todo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas ninguém sabia de nada.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Se o Sr. Deputado pegar numa das quatro, cinco, seis ou sete revistas que há sobre armamento, aparecem-lhe muitos anúncios de empresas que fornecem tudo quanto lhe passar pela cabeça, desde o avião ao navio de guerra, tudo o que quiser. Está lá a dizer que fornece.

Era sobre estas empresas que normalmente se conversava, perguntava-se «Como é que este arranja isto, aquilo ou aqueloutro!?!». Mas, em concreto, nunca vi! Em concreto, nunca vi. Que tinham bons contactos, tinham de certeza, porque, com aquela panóplia de fornecimentos, tinham, mas eu nunca vi.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Num país tão pequeno, com tão poucas empresas, em que as pessoas ligadas à produção e comércio de armamento — como disse, as empresas não chegam aos dez dedos das mãos! — seriam eventualmente em número muito restrito e normalmente todas oriundas das Forças Armadas, porque tinham o *know-how*, e, por isso, era natural que fossem recrutadas nas Forças Armadas, se houvesse

tráfico de armas, estas pessoas tinham de saber. Era um grupo muito pequeno de pessoas. Era um circuito muito reduzido!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Há dois circuitos: o circuito das fábricas, no qual eu me movimento.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Certo!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — E, depois, há circuito de pequeninas empresas, que poderiam tentar dedicar-se a isso, sobretudo à venda dos excedentes do Exército, etc. Mas no circuito das fábricas, no qual eu me mexia, não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A Explosivos da Trafaria foi subsidiada pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Isso é novo!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É novo?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Isso é novo para mim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas sabe que o Estado-Maior-General das Forças Armadas, nomeadamente o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, atribuía subsídios às empresas de armamento?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Está a dar-me uma novidade.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Sr. Deputado Miguel Santos, peço-lhe que conclua o seu raciocínio.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A Sr.^a Presidente é muito exigente.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Parece-me que não, Sr. Deputado. Mas, de qualquer forma, já está ultrapassado o tempo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou concluir, Sr.^a Presidente.

O Sr. Comandante tem conhecimento de pagamentos efetuados a membros das Forças Armadas, a membros do Governo, à margem dos pagamentos oficiais da Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — «Luvas»?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não tem conhecimento de nenhum desses pagamentos?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nenhum.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Tendo em conta que já esgotei o tempo, colocarei as questões restantes na 3.^a ronda.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Obrigado, Sr. Deputado.
Tem a palavra a Sr.^a Deputada Inês Medeiros.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Boa tarde, Sr. Comandante.

Peço desde já desculpa por não ter podido assistir ao início da sua audição e por repetir algumas das perguntas que já aqui foram feitas, apesar de a minha colega, Sr.^a Deputada Isabel Oneto, me ter colocado ao corrente das perguntas.

Para já, uma pergunta prática: como é que se fazia o controlo das entradas e saídas na fábrica Explosivos da Trafaria? Diz-se muito: «Fulano *a* foi lá, esteve lá, reuniu-se...», e, portanto, eu gostaria de saber se havia algum sistema de controlo de entradas e saídas das pessoas na fábrica.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O sistema de controlo, como já disse à Sr.^a Deputada Oneto, era exatamente o sistema normal de todas as fábricas: entra/sai, regista na portaria, vai para os armazéns, etc., acompanhado do cuidado devido ao tipo de materiais que eram.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Portanto, havia um registo.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — E esse registo de pessoas...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Havia dois registos. Havia um registo normal, nosso, e havia um outro registo que tínhamos de enviar para a Comissão de Explosivos, quando se tratava de explosivos.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Estou a falar de pessoas, só.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ah, de pessoas!

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Só de pessoas. Estou a falar das pessoas que entravam e saíam.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, tínhamos uma portaria, e ninguém entrava sem autorização de um dos dois, minha, se fosse para a minha zona, ou da parte administrativa, se fosse para a parte administrativa.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — A única coisa que quero saber é se havia um registo sólido, que possa ainda ser consultado, das pessoas que entravam e saíam da fábrica.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não lhe sei dizer, mas não acredito que haja.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Está bem.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Já passaram muitos anos. Já são 30 anos que lá vão!

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Pois, eu percebo isso. Mas, na altura, haveria um registo disso ou também não era...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era capaz de haver um registo no guarda, o guarda da entrada era capaz de ter esse registo, mas não era algo que me preocupasse...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Mas não se mantinha, portanto.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pelo menos, eu não me preocupava com isso. Sabia quem entrava, quem saía e acabou.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — De qualquer maneira, o que está a dizer é que ninguém podia entrar sem autorização ou convite expresso de alguém de dentro da fábrica.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A fábrica era toda cercada com duas redes, não era fácil entrar.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Portanto, as únicas pessoas que podiam receber alguém era ou da administração, ou da diretora de vendas, ou...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato!

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Disseram-me que o Sr. Comandante afirmou que houve, de facto, exportações para o Irão e para o Iraque entre 1980 e 1986. Suponho que estivesse a falar de exportações legais, mas penso que o embargo foi decretado em finais de 1980. Pergunto: como é possível que tenha havido exportações legais, ou seja, autorizadas, em Portugal, quando havia um embargo decretado?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr.^a Deputada, posso estar enganado nas datas, mas tenho a certeza de que as exportações feitas a partir da Explosivos da Trafaria eram legais.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Eram...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Legais!

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eram acompanhadas por escolta da Guarda Fiscal e saíam pelas alfândegas de Setúbal e do aeroporto de Lisboa. Disto eu não tenho dúvidas nenhuma, nem de que os países de destino indicados nas guias eram corretos.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Portanto, alguém...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pelo menos, para mim, à saída da fábrica, era assim; do portão para a frente,

teoricamente, eu não sabia nada, mas garanto-lhe que chegavam ao aeroporto e a Setúbal e que eram carregadas.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — E essas autorizações (não sei se já respondeu) eram dadas por quem? Qual era a entidade que as autorizava?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Teoricamente, era o Ministério da Defesa.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — O Ministério da Defesa?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Teoricamente, mas eu já nada tinha a ver com isso. Portanto, era uma parte que não me dizia respeito. Mas, teoricamente, tinha de haver uma autorização do Ministério da Defesa.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Ou seja, o Sr. Comandante nunca chegava a ter autorização superior... Quer dizer, nunca viu uma autorização superior de venda...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Os documentos que emitíamos para exportação eram feitos a coberto dessas autorizações.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Mas, o Sr. Comandante, como diretor de vendas, nunca esteve com uma dessas autorizações...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, nessa fase, eu já não estava nas vendas, estava na fábrica.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A resposta é «não».

À pergunta, se eu vi a autorização do Ministério da Defesa para a exportação para aqui ou para ali, a resposta é «não».

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Portanto, o Sr. Comandante só recebia documentação vinda da administração.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu recebia instruções da administração, preparava tudo, fazia e mandava.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Há algum arquivo onde essas autorizações possam estar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr.^a Deputada, desde 1986 que não vou à fábrica. Não tenho nenhuma garantia, de nada; portanto, não posso dizer-lhe nada. Haver, havia, arquivos normais dos documentos todos, e, ainda por cima, não tínhamos informatização, logo, era tudo em papel.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Pois, é isso.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Portanto, não posso dizer-lhe se existe, ou não. Na alfândega, deve existir.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Disse-me a Sr.^a Deputada Isabel Oneto que o Sr. Comandante disse que nunca teve contacto com o Fundo de Defesa Militar do Ultramar, mas, em princípio, essas autorizações, justamente até 1980, eram dadas, sobretudo na altura da guerra do ultramar. Disse que o cliente principal da fábrica era o Estado, mas todo esse pressuposto...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, não!

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Não?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Estado não era o cliente principal.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Durante a guerra do ultramar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Mas, em todo o caso, a Explosivos da Trafaria fornecia o Estado.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A Explosivos da Trafaria teria gostado muito que fosse,...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Sim, está bem!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... mas não era.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Mas, apesar de tudo, forneceram ao Estado durante a guerra no ultramar.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, mas...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Até criaram uma nova linha... Peço desculpa, mas, quando entrei, o Sr. Comandante estava justamente a explicar isso...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, era para fazer bombas de aviação para a Força Aérea, que se fizeram muito poucas, não teve expressão.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Mas o objetivo era, justamente, que o Estado passasse a ser cliente.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, num artigo que não se fazia cá, que eram as bombas de aviação.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Está bem!

Durante a guerra do ultramar, tanto quanto sabemos, quem geria todo esse processo de compra e venda de armas (neste caso, até mais de compra) era o Fundo de Defesa Militar do Ultramar.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Minha senhora, nessa altura, eu estava no ultramar. Vim da Guiné em 1974.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em fevereiro de 1974. Portanto, isso é-me completamente estranho.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Não tinha conhecimento nenhum do Fundo de Defesa do Ultramar?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É-me completamente estranho.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Então, o que podemos concluir é que, se estas vendas de armas para o Irão e para o Iraque entre 1980 e 1986 eram legais, quem tratava dos papéis, assim como quem, pelos vistos, arranjava os negócios e tinha os seus agentes no terreno, era o Comandante Alpoim Calvão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Para mim, era a administração da fábrica, e o administrador delegado era ele,...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Era ele.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... ou o diretor de vendas, cujo nome não me estou a recordar. Mas, entre esses dois, de certeza absoluta que...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — É o tal nome que estava a tentar recordar-se?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É. Entre esses dois...

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — De facto, dava-nos jeito, se se conseguisse lembrar do nome.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Vou lembrar-me do nome, mas, neste momento, não me recordo. Honestamente, não me recordo.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Muito obrigada, Sr. Comandante.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr.^a Presidente, peço a palavra.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Para que efeito, Sr. Deputado Miguel Santos?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr.^a Presidente, é só para chamar a atenção para uma anomalia nos tempos, embora, imagino, não dê para corrigir.

Há bocado, fiquei intrigado sobre como tinha gasto 8 minutos. Agora verifico que quando a Sr.^a Presidente suspende a contagem do tempo, depois, quando recomeça a contagem, o tempo que aparece no quadro com a acumulação do tempo em que esteve suspenso. Portanto, o tempo marcado no quadro não corresponde exatamente ao usado.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — É verdade. No entanto, penso que o tempo está proporcional à intervenção do Sr. Deputado.

Portanto, se não conseguir corrigir a anomalia, vou auxiliar-me de um outro equipamento, talvez de um cronómetro.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Ribeiro e Castro, do CDS-PP.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não tenho mais perguntas a fazer, Sr.^a Presidente.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Tem a palavra o Sr. Dr. Luís Filipe Rocha.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Sr.^a Presidente, Sr. Comandante, voltamos aqui, um bocadinho, ao ano de 1980 e às armas para o Irão e Iraque.

Eu tinha-lhe falado na visita que foi feita por uma delegação portuguesa a Bagdad com o Almirante Souto Cruz, na tal que foi considerada, na altura, a primeira encomenda forte, a dos 200 milhões de US dólares. Agora, vou falar-lhe do seguinte: em 18 de abril de 1980, o Governo, em Conselho de Ministros, proíbe expressamente o comércio de armas para o Irão, proibição que se manteve até janeiro de 1981. Temos, e

já aqui a Comissão tentou averiguar junto de ex-jornalistas, as notícias no jornal *Portugal Hoje*, de novembro de 1980, garantiam que Portugal teria fornecido armas para o Irão e que Israel aproveitava Portugal como plataforma, para também fazer passar armas para o Irão. Tem alguma memória disto?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Agora lembrei-me de uma coisa, mas ao contrário. Há pouco, eu disse que as espoletas vinham da Bélgica ou dos Estados Unidos, mas lembrei-me de que nós, Trafaria, importava de Israel os corpos das munições de 155 mm e creio (mas olhe que não estou seguro) que também as espoletas.

Portanto, relativamente aos corpos, não ponho as mãos no fogo; no que toca às espoletas, quase que juro que também vinham de Israel, mas não estou 100% seguro. Agora, que os corpos vinham, vinham.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Como sabe, a revolução iraniana, com o Khomeini, foi em 1979. Até aí, as forças armadas do Irão eram fundamentalmente fornecidas por Israel e Estados Unidos, e, portanto, quando a guerra, um ano depois, se desencadeia, a necessidade do Irão é, no fundo, alimentar o armamento que tinha. E tanto quanto os jornais, na altura, noticiam, Israel tem um papel absolutamente decisivo e utiliza muito Portugal para, ou reforço de armamento americano ou reforço de armamento fornecido por Israel, fazê-lo passar por Portugal como se fosse Portugal a fornecer para o Irão. É um bocadinho sobre esta plataforma, sobretudo onde aparece Israel, que eu gostaria que o Sr. Comandante se tentasse recordar.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr. Doutor, a munição de 155 é uma munição tipicamente americana. Que nós, Explosivos da Trafaria, adquiriríamos a Israel os corpos das granadas para encher cá, tudo bem. Estive lá nas fábricas, estive lá a verificar o material, estive lá a verificar se os componentes correspondiam às especificações e isso tudo. E não estive só, estive com a engenheira de produção dessa altura. Isso é indiscutível! Mais do que estes dois *itens* não posso dizer-lhe nada.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Portanto, isso é o que tem a ver com a Explosivos da Trafaria. O que se passava fora da Explosivos da Trafaria...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não posso dizer-lhe.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Ainda relacionado com a notícia do *Portugal Hoje*, o Sr. Comandante tem ideia de ter havido, por essa altura (estamos a falar de 1980), contactos, através de gente inglesa, para os israelitas entrarem nas nossas empresas de material de guerra, designadamente na Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Entrarem em que sentido?

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Entrarem no sentido de...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — De capital?

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não tenho nenhuma memória.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Não tem nenhuma memória de isso ter sido falado?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Passamos, agora, à empresa da Defex.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Formada em 1978; sócios: 45% Marcelino de Brito, 45% Jorge Fragoso Garnel... É o Garnel que saiu?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Então, não é José, é Jorge.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — É Jorge! E o Marcelino era o diretor de vendas da Trafaria, que saiu quando eu entrei.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Então, o Marcelino de Brito vem, também, da Explosivos da Trafaria.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — O Garnel também vem da Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — E o José Maria Roque Lino é um ex-Deputado do Partido Socialista e ex-Secretário de Estado da Comunicação Social em 1977, que tinha 10% do capital da Defex.

Esta empresa é fortemente conotada com o envolvimento no *Irangate* em 1985/86/87, nomeadamente através de contactos com a rede *Irangate* — Thomas Clines, Richard Secord são nomes que não lhe dizem nada.

Tem ideia das atividades desta empresa, a Defex, em 1978/80? Embora seja com gente que, no fundo, vem de...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É gente que vem da Trafaria. É gente que estava na Trafaria e que sai, não me pergunte exatamente por que é que sai, porque não sei, tanto num caso como noutro. Convidaram-me para trabalhar com eles, posso dizê-lo porque é verdade, mas declinei o convite. Achei simpático, declinei o convite e pronto, e morreu por aí.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Lembra-se de alguns relacionamentos profissionais entre a Defex e a Explosivos da Trafaria?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Creio que não, as relações não seriam... Não! Assim de repente, não.

Quer dizer, podem ter-me telefonado a perguntar se podíamos fornecer isto ou aquilo, mas nada de substancial.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Muito bem.

Para terminar, vou ler-lhe duas ou três pequenas declarações do Comandante Alpoim Calvão, onde fala em munições para obuses 14 do Exército,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — ... de sinergias com a COMETNA, com a Fundação e Oeiras e com a Fábrica de Braço de Prata e diz que se lança no mercado, em força, logo que rebentam os primeiros estilhados na guerra Irão-Iraque. Cliente, o Irão; parceiros, as indústrias militares israelitas. «Portugal jogava, porém, nos dois lados do ‘tabuleiro’ do conflito e havia empresas portuguesas que vendiam armas ao Iraque». De acordo com estas primeiras declarações do Comandante Alpoim Calvão, somos levados a pensar, se, de facto, em 1980, não houve mesmo fornecimento de armas para o Irão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Ó Sr. Doutor, eu não posso dizer porque a minha memória não chega lá. Honestamente, não consigo!

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Muito bem.

Uma segunda afirmação do Comandante Alpoim Calvão: «Só a imaginação e a criatividade permitem ultrapassar barreiras legais, como as que proibiam o transporte de detonadores, bombas e materiais explosivos». Imaginação e criatividade!

Risos.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Ele devia estar a referir-se ao concurso da Malásia. Não sei se quer, mas se quiser conto a história.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Agradeço.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O concurso da Malásia é para 5000 bombas de avião. Ora, um fornecimento de 5000 bombas de avião que obrigava a uma demonstração *in loco*. Nós não tínhamos dinheiro para o fazer e os concorrentes não eram pequenos, um deles era a Espanha e o outro era a Índia. O que é que aconteceu? Havia que pôr na Malásia, se não estou em erro, oito bombas. Ou 8 ou 12, mas acho que eram 8. Como é que se transportam oito bombas de 250 kg? Não vamos fretar, sozinhos, um navio, porque, como sabe, o transporte de explosivos limita muito a forma de estiva, e acabou por se encontrar uma solução engenhosa, que foi a de dizer que estávamos a exportar contentores metálicos carregados de produtos químicos.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Cilindros metálicos com compostos químicos?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ou cilindros ou contentores, foi uma das duas, porque a fórmula é minha, portanto, estou à vontade para dizer isto, e foi assim que isso foi posto na Malásia. Tudo o resto é uma história rocambolesca, mas o facto é que chegou, foram feitos os testes e perdemos para os espanhóis. Pronto.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Uma última citação do Comandante Alpoim Calvão: «Procurei sempre trabalhar dentro da lei, mas, acima de

tudo, tinha de tornar as coisas rentáveis e alimentar os 600 trabalhadores da empresa. Nunca violei a lei, mas fiz pequenas torções, claro. O próprio mercado obrigava a isso».

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O que é que o Sr. Doutor quer que eu diga?

Risos.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Se lhe suscita algum comentário. Aliás, como foi diretor de vendas, com o Alpoim Calvão como administrador delegado, pergunto se estas torções, esta imaginação, esta criatividade sugerem-lhe algum comentário?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Comandante Alpoim Calvão é um homem de mil recursos. É uma pessoa extremamente inteligente, de uma cultura invulgar e perfeitamente capaz de dar a volta a milhares de situações. Colaborei muito, muito com ele, e nunca entrámos em situações de ilegalidade, disto pode ter a certeza. Agora, que, às vezes, era preciso pôr o cilindro metálico, era! Mas não houve nada, assim, grande, para além disso, e estamos a referir-nos a 8 ou 12 bombas, creio que eram 8! Que me recorde, não houve nada para além disso. É evidente que o Sr. Doutor pode dizer que é uma habilidade... Pois, importar um projétil de Israel, conseguir fornecê-lo ao Irão e ter o inspetor do Iraque na fábrica, tudo ao mesmo tempo, é preciso algum «golpe de rins»! Deve ser a isto que ele se está a referir e a mais nada.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — As «pequenas torções».

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Uma última pergunta: se é que tem alguma lembrança disso, como é foi vivida, nos primeiros dias de dezembro de 1980, a tragédia de Camarate na Explosivos da Trafaria? Do que é que se lembra de ter sido comentado? Acidente, atentado, o quê?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d’Orey Juzarte Rôlo**: — Para mim, sobretudo, foi espanto e mágoa. Morreu um amigo meu, diretamente, lá. Depois, nenhum de nós, conseguia perceber o que tinha acontecido.

O atentado foi algo que não nos passou, diretamente, pela cabeça, seriamente. Não percebíamos como é que havia uma capacidade para cometer um erro daqueles, que permitiu aquele acidente, que eu não sei se foi erro, se foi atentado, e acho que ninguém sabe até hoje. Mas o facto concreto é que não nos passou pela cabeça que fosse um atentado. Não foi essa a nossa primeira conversa.

O Sr. Dr. **Luís Filipe Rocha** (Representante dos Familiares de Jorge Manuel Moutinho Albuquerque): — Sr. Comandante, muito obrigado.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Para dar início à 3.^a ronda, tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Santos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, na sequência das perguntas anteriores, concorreram à Malásia, a um concurso que perderam. Em que altura é que isto aconteceu?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Já eu estava na fábrica.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Já era...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Já era diretor da fábrica, de certeza absoluta. Isto tem de ser em 1981, por 1980 ou 1981, é uma questão de...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em 1981, para aí, porque, carregar bombas, nessa altura... Talvez 1981/82.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Esteve como diretor de vendas em 1978, 1979 e, portanto, em 1980, já estava aos comandos da fábrica.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Esse concurso é, todo ele, levantado pelo General Resende. Portanto, é anterior a mim e ao Calvão. Nós apanhamos isso já numa ponta, de que é preciso... Foi feita a qualificação, tudo isso foi feito, conseguiu-se e, portanto, era preciso chegar lá e fazer a demonstração. E isso foi depois da entrada do Comandante Calvão e, portanto, tem de ser depois de 1981 ou mais.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Concurso com fortes concorrentes, disse há pouco, os espanhóis...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Os espanhóis,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... e os indianos.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... os indianos e não sei se os ingleses também estavam.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Eram todos fortes concorrentes no...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Se eram!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Perdoe a minha ignorância, mas o Sr. Comandante é que percebe disto.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Os espanhóis foram de *Boeing*, eu fui receber, no aeroporto de Penang, um triciclo com os 8 cilindros.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ou seja, a perspectiva de ganhar o concurso, era uma perspectiva de...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O nosso material era muito bom.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Muito bom e o nosso agente não era mau.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O agente local, malaio.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O agente local.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Malaio ou que estava na Malásia.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — E o nosso material era, de facto, muito bom.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas com fortes concorrentes.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Aquilo tinha um peso que era praticamente imbatível. Mas, pelo menos, foi! Voou, rebentou, fez tudo!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, em 1980, passa para a fábrica, porque há um infortúnio com o anterior diretor da fábrica, faleceu,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... e, das pessoas que ali estavam, o Sr. Comandante era a pessoa mais habilitada para assumir essa missão, essa tarefa, e também para implementar a transformação da linha ou das linhas de produção, com vista à venda de material para o tal concurso da Malásia, para o Irão e para o Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ainda não é essa a razão... Eu vou, exatamente, pela primeira razão que aponta, a transformação da linha vem a seguir.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Há bocadinho, fiquei com a informação (e corrija-me, se eu estiver errado) de que a transformação da linha ou das linhas de produção, em 1980, ocorre por força da Malásia, do Irão e do Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sobretudo, pelo Irão e Iraque.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sobretudo, Irão e Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A Malásia era, como lhe disse, um esforço muito grande, era uma hipótese muito remota.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A Malásia era uma hipótese remota a que a fábrica concorreu...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — E esperava ter apoios do Estado para o fazer e não os teve.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Irão e o Iraque eram, exatamente, os fundamentos e as principais razões para que se operasse, em 1980, uma transformação da linha.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Desculpe eu insistir, mas vou tirar daqui uma conclusão, naturalmente. A Malásia era uma hipótese remota. O Irão e o Iraque foram os motivos por que, em 1980, a fábrica foi transformada...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Naquele período, sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... para poder responder às futuras encomendas do Irão e do Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, a minha dúvida é a seguinte: aquilo que o Sr. Comandante sabe, diz-nos, o que não sabe, não nos pode dizer. Aquilo de que se recorda diz, do que não se recorda, não pode dizer.

Agora, aquilo que não faz sentido é a conclusão que eu tiro: por que é que a Explosivos da Trafaria, em 1980, operam uma transformação da

linha de produção, tendo em vista um concurso da Malásia, que era uma hipótese remota, face aos concorrentes que se apresentavam no concurso, sobretudo, e a exportação de material de guerra para o Irão e para o Iraque, quando em 1980 o Governo português decretou um embargo de exportação de armas? Quais eram as perspectivas? O que é que a Explosivos da Trafaria contavam que pudesse acontecer para ter feito um investimento na transformação da linha, com uma perspectiva de negócio para países que o Governo português proibia a exportação de material de guerra?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sr. Deputado, há duas respostas para isso: a primeira é ter-me enganado numa data, e estamos a falar de há 30 anos, porque, como lhe disse, pode ter sido 1980/81, 1981/82, pode ter jogado por aí; a segunda é que o Irão podia estar fora de causa, mas o Iraque não estaria, e as encomendas do Iraque, só por si, eram extremamente vultuosas.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não era para o Irão que saiam camiões semanais?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não, era para o Iraque.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era para o Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eram bombas de avião.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Então, era mais espaçado.

Portanto, o investimento que a fábrica fez tinha uma perspectiva mais sólida, retirando a Malásia e o Irão,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Tinha uma perspectiva mais sólida nas bombas de avião e é por aí que elas...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Que iam para o Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, em 1980, quando é feita a transformação da fábrica, vigora o embargo de armas para o Irão...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Mas, Sr. Deputado, o problema é saber se foi em 1980 ou 1981 e a minha memória.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não! Já aqui nos recordou, de uma forma afirmativa, que a transformação da linha ocorreu em 1980, porque o senhor foi diretor de vendas em 1978 e 1979...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Em 1980, tomou conta da fábrica. Tem perfeita memória dessa data, disse-o logo no início, pelo facto de ter tomado conta da fábrica, e a sua principal missão era transformar a linha de produção...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Depois, começou-se a transformação, exatamente.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... com vista à venda de material para a Malásia, para o Irão e para o Iraque.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Se a Malásia era um concurso difícil, com uma possibilidade remota de se ganhar, se para o Irão havia o embargo de armas, restava o Iraque, mas o senhor afirmou que o Irão também era uma perspectiva de negócio, foi o Comandante Alpoim Calvão que trouxe...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era, era.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, se havia embargo de armas, só se o Governo português alterasse a sua posição. E a fábrica Explosivos da Trafaria contava que o Governo português alterasse a sua posição?! Quer dizer, fazer um investimento de transformação da linha...!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Mas, Sr. Deputado,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Está a perceber a minha...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu percebo o seu raciocínio e a sua dúvida.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É um raciocínio absolutamente lógico.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O salto, depois do investimento básico, o produzir mais, era por turnos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Por turnos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Portanto, o investimento básico é feito e permite funcionar a um turno, de uma forma sossegada. Se fosse preciso mais, os outros turnos funcionavam.

Quando saí da fábrica, produziam-se bombas de 750, de 250 e de 500 kg, morteiros de 120, obuses de 155...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim, mas isso em 1986.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... e tudo ao mesmo tempo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, como imagina, estou a referir-me a um período muito específico, que é aquele que nos interessa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato! Mas, repare, isto tudo ao mesmo tempo. É uma alteração que vai sendo feita, o investimento começa, primeiro, para as bombas de avião, onde é muito forte, com a perspectiva da Malásia, que era longínqua mas bem perseguida, depois, vêm as bombas de avião para o Iraque, ótimo, e, a seguir, vem a exportação para o Irão.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas para o Irão não podia exportar armas!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ó Sr. Deputado, o meu problema é que não tenho as datas seguras na minha cabeça. Precisava de ter documentação disponível, que não tenho, para poder jurar isso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, desde o início da audição — e por isso é que fui tomando um conjunto de notas —, entendi, como uma afirmação bastante certa da sua parte, que: em 1980, tomou conta da fábrica, lembra-se disto perfeitamente pelo infortúnio do seu colega que faleceu; em 1978/79, foi diretor de vendas; em 1980, passou para a fábrica e lembra-se perfeitamente, porque a sua principal missão foi transformar a linha de produção da fábrica. Dei isto como absolutamente certo pelas suas afirmações. Essa transformação aconteceu em 1980 e só não tinha segurança sobre se começaram já a vender em 1980 ou só em 1981.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não estou seguro, não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sobre isso é que não tinha segurança, mas o meu raciocínio é muito simples, Sr. Comandante, peço desculpa.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ah, está bem, já estou a perceber o seu raciocínio.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pois, é muito lógico.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Sr. Deputado acha que foi feito já com o pensamento de que as encomendas...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não, não acho, o Sr. Comandante é que nos disse.

O Sr. Comandante disse-nos que a transformação da linha foi feita tendo em vista o concurso da Malásia, que era de hipótese remota, o Irão e o Iraque. O Irão estava sob o embargo de armas e, portanto, resta o Iraque. Mas como o Sr. Comandante nos disse que a transformação da linha tinha em vista o Irão, pergunto: como é que a Explosivos da Trafaria faz um investimento para transformar uma linha, tendo em vista também o Irão?! Só se contasse com uma alteração da posição política do Governo português, face ao embargo de armas do Irão!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sobre isso, o que posso dizer, do que me recordo, foi o que sucedeu. Se as datas são consistentes ou não... Como disse também desde o princípio, pode haver algum erro. Agora, que as encomendas são feitas nessa sucessão, são. Que a grande transformação final da fábrica é, de certeza, para responder às duas encomendas, é.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Irão e Iraque?! A transformação da fábrica é para responder às encomendas do Irão e do Iraque?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O grande salto final, as grandes obras, são por causa do Irão e Iraque.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas que encomendas do Irão, se havia embargo de armas? Existiam encomendas?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu não estou a dizer que havia encomendas, estou a dizer que foram feitas por essa razão e estou com dúvidas quanto às datas, Sr. Deputado. Estou com dúvidas.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, só para encerrar este capítulo...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Posso tentar saber, através de alguns registos alfandegários que existam ou coisa que o valha. Mas tenho dúvidas... Aliás, quanto tempo durou o embargo? O Sr. Deputado sabe dizer-me?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não sei, o senhor é que deveria saber, porque trabalhava numa fábrica...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não sei. Não me recordo, de todo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... que tinha em vista exportar para o Irão. A haver um embargo podia ser interessante.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me recordo, de todo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A 16 de abril de 1980 é decretado o embargo para o Irão.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — 16 de abril de 1980.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Se a fábrica começa a transformar a linha de produção, executa-a, em 1980,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É mais tarde.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — 16 de abril, estamos a falar do fim do 1.º trimestre, início do 2.º trimestre,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, a fábrica tinha de saber disso.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Termina quando? Em 1981?! Pode haver uma confusão de datas na minha cabeça.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, do que se recorda, recorda-se, foi aquilo que eu comecei por dizer quando começamos com este episódio,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Exato!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... o que sabe, sabe e o que não sabe, não sabe. Mas, para nós, vou dar por certo, como afirmado por si — repito, como afirmado por si —, que: em 1978/79, foi diretor de vendas; falece o diretor da fábrica; o senhor, em 1980, toma conta da fábrica; a sua missão principal era transformar a linha de produção da fábrica; esse investimento nessa linha de produção foi feito porque havia uma perspetiva, remota, de ganhar um concurso na Malásia, porque havia a perspetiva de encomendas, ou já encomendas, do Iraque, porque havia perspetiva de encomendas, ou já encomendas, do Irão, mas sendo que o Irão estava com embargo de armas. Portanto, é isto que vou dar como certo, porque o resto...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Eu acho que o seu raciocínio está correto, daquilo que me recordo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Depois, a incógnita que fica, à qual não consegue responder ou porque não sabe ou porque não se recorda, é a seguinte: como é possível uma fábrica fazer um investimento e alterar a sua linha de produção, nomeadamente, para produzir e exportar para um país para o qual não o podia fazer porque havia um embargo de armas? É uma incógnita que fica no ar,...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É uma incógnita, não faço...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... para a qual não sei a resposta e o Sr. Comandante também não sabe. Mas que é muito... não é estranho, é uma interrogação.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — A guerra quando é que começa?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A guerra? A guerra começa...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em 1980, não é?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — ... em 1979.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Em 1979... Ocorreu-me agora algo que pode ser verdadeiro, pode ser falso e pode não ter nada a ver: é ter havido encomendas ou contactos anteriores,

aparecer o embargo e depois ser levantado. Mas não sei se isto é possível também. Estou a dizer-lhe aquilo de que me recordo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas podemos dar, então, como certas estas últimas afirmações que fiz desta audição?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Muito bem!

Sr. Comandante, mudando de agulhas, quem era o responsável pelo processo logístico do transporte do armamento?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Corria, com certeza, pelo Amadeu Cardoso Anaia. Agora, se era só ele, se era também a administração, não sei.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Amadeu Cardoso Anaia era o responsável financeiro...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era o diretor financeiro, sim, e que também tinha a seu cargo os transportes. Agora, não sei se ele tinha só os transportes dentro do País, que já era bastante, ou se também tinha mais os transportes pós-embarque. Para o Iraque, eram aviões iraquianos, e, portanto, aí não era nada; para o Irão, eram embarques em navios, em Setúbal, mas quem os fretava não sei.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — «Transportes dentro do País» não existe, porque era da fábrica para o aeroporto ou para o porto de Setúbal.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nesse caso concreto das munições, porque havia os transportes todos dentro do País dos explosivos civis, que era preciso distribuir por tudo quanto era os nossos clientes internos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Quartéis militares?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Pedreiras, minas...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim, certo! Mas isso era uma franja mínima do negócio.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era considerável?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Representava um bom bocado agradável.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Estou a fazer uma comparação: o Irão, em guerra, a comprar e as pedreiras portuguesas... devia de ser uma...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Aí, não, mas não podíamos deixar de...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — De ter clientes certos.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... de ter esses clientes certos.

Depois, os transportes da fábrica para os pontos de embarque já não eram comigo e do ponto de embarque para o destino também não. Só passava por ele ou por ele e pelo Comandante Calvão, de certeza absoluta.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E pelo Comandante Alpoim Calvão.

Em relação aos processos burocráticos de pedidos de autorização para exportação de armas, quem era o responsável por isso?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Era o diretor de vendas...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O senhor?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — No seu período.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, no meu período. Mas, no meu período, como lhe disse, não se vende praticamente armamento nenhum.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era mais cobrar.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — E o que se vende são explosivos civis.

Depois, era o diretor de vendas, e tenho de me recordar do nome dele, e o Comandante Calvão, como administrador delegado, com certeza que estava metido no assunto. Aliás, ele «chapelava» tudo isso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Tem conhecimento da venda de material de guerra (digo «material de guerra», porque não posso precisar que tipo de material é que foi) para o Irão no dia 5 ou 6 de dezembro de 1980?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me diz nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E saberia, porque era o diretor da fábrica e, portanto, se o material saísse...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, se houvesse alguma coisa muito especial, saberia, mas, assim de repente, não consigo recordar-me.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E em janeiro de 1981?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Está a pedir-me datas com uma precisão que eu não tenho.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Só para terminar...

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Sr. Deputado, peço-lhe que termine mesmo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Aquele cronómetro está completamente contrabandeado...

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Completamente, completamente! Aliás, já parou há bastante tempo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Foi bombardeado...

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — De qualquer das formas, peço-lhe que termine.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou terminar, Sr.^a Presidente, mas, como esta é a última ronda, preciso só de saber se o Sr. Comandante conhece um conjunto de nomes, se se recorda destes nomes, se liga os nomes, as pessoas, a algum facto relevante.

Ricardo Jack Canning Sobral.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Alfredo Emídio Pinto de Sousa Pimentel.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Comandante António Prudêncio Fernandes.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — O Prudêncio diz-me de Marinha, não me diz mais nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Diz-lhe de Marinha? Era alguém da Marinha?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Havia um Prudêncio na Marinha, mas não sei se é esse.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas não tem nada a ver com...?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Que esteja a lembrar-me, não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o Eng.º Júlio Augusto Lopes da Silveira?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Também não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Eng.º Ramiro da Costa Cabral Nunes de Sobral.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Também não! Não acerto uma.
Eng.º Fernando Augusto Monteiro Sá Marques.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Dr. Francisco Rodrigues Pardal?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Juiz Manuel Rodrigues.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Joaquim Vidal Teixeira.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nada?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nada!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Então, agora, de uma outra listinha...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Vamos ver se acerto algum!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ah, voltando à questão do barco *Princess*, sobre o qual lhe perguntei há pouco. Não se recorda de um episódio de um barco chamado «*Princess*» no porto de Setúbal, carregado de armas?!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não. Não me pode ajudar mais?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era um barco chamado «*Princess*», carregado de armas no porto de Setúbal.

Risos.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Mas que episódio? É que havia muitos barcos carregados de armas no porto de Setúbal.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas não lia os jornais na altura, sobre tudo o que havia sobre armas?! É que isto veio referenciado num jornal, Sr. Comandante. O barco *Princess*...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Ó Sr. Deputado, eu tenho 67 anos!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É um jovem!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sou um jovem, estou bom em algumas coisas. Mas coisas de há 30 anos!? já se passaram tantas, tantas, tantas coisas, uma vida tão intensa, que há muitas coisas que me passaram.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — No outro dia, conheci um senhor brasileiro com 71 anos que anda a dar a volta ao mundo de mota, sozinho. Está a ver?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Fico feliz!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Que bom!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Gostava de conseguir!

Risos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Comandante está um atleta, um jovem, se me permite.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Tirando o substituto, cá dentro já há uma quantidade de peças novas.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Agora, fora de brincadeiras da minha parte, o barco *Princess* foi referenciado nos jornais da altura.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Está a insistir tanto... Estou, mas é extremamente vago,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... a lembrar-me de uma coisa qualquer que se chama notícia bombástica no *Expresso*. Pode ser?!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Por acaso, parece que o barco explodiu mesmo ao largo da costa portuguesa. Como disse «bombástica notícia»... É que parece que ele explodiu mesmo!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não! Não me diz nada!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Devo estar confundido, então!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não me diz nada!

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Peço-lhe para terminar, Sr. Deputado.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou terminar, Sr.^a Presidente, são só mais dois ou três nomes e, se não se recordar, vai ser mesmo rápido.

Germano Pedro.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pressa Fernandes, também não?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E Rodrigo Castro?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Também não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Um ex-membro do Conselho da Revolução.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Esse é o da Força Aérea, não é?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não sei.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Diz-me que vivia por cima de mim, mas mais nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Esse Rodrigo Castro?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Se é o do Conselho da Revolução...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É o ex-membro do Conselho da Revolução.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Sim, mas só por isso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Rodrigo Castro!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não é o Canto e Castro?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não, não! Não tem nada a ver com o Canto e Castro. É Rodrigo Castro.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Se é esse que era do Conselho da Revolução e era da Força Aérea,...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É, sim!

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — ... só sei porque vivia por cima de mim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É a única...

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — É a única.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É a única coincidência.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Nem nunca nos demos, nem... Acho até que nem pensávamos bem da mesma maneira e tudo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E Alpoim Calvão?

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Muito.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Comandante, muito obrigado.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Visto que não haver mais inscrições, dou por encerrada esta audição e agradeço, novamente, em nome desta Comissão, ao Sr. Comandante Carlos Rolo a sua presença e os contributos que trouxe para este trabalho. Muito obrigada.

O Sr. Comandante **Carlos Alberto d'Orey Juzarte Rôlo**: — Obrigado, Sr.^a Deputada.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Peço aos Srs. Deputados que se mantenham nos seus lugares, porque ainda temos um segundo ponto na ordem de trabalhos.

Pausa.

Srs. Deputados, vamos dar continuidade à nossa reunião.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr.^a Presidente, quero voltar a um assunto, que já aqui aflorámos algumas vezes, mas, creio, a audição de hoje veio avivar a memória sobre o mesmo e sobre a indispensabilidade desses documentos. Trata-se de um conjunto de documentos que vêm mencionados naqueles verbetes de registo de correspondência do Estado-Maior-General das Forças Armadas e que já constam da auditoria ou do relatório da Inspeção-Geral de Finanças da VIII Comissão Parlamentar de Inquérito.

Como se recordam, desses verbetes de correspondência constam menções a correspondência do Ministério da Defesa para o Estado-Maior-General das Forças Armadas, e deste para o Ministério da Defesa, entre dezembro de 1980 e janeiro de 1981, se a memória não me atraindo, referentes a operações de transporte de armas para o Irão. E, pelo menos um desses ofícios, menciona também ter em anexo informações aparentemente da Secretaria-Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Já se fizeram várias diligências para obter esses ofícios, uma vez que só temos essas menções breves, e os ofícios não aparecem. E também já se fizeram mais requerimentos relativamente a uma outra correspondência, mencionada no mesmo livro de registo de correspondência, salvo erro, com referência a operações de transporte de armas para o Iraque. Ora, isto não pode ser!

Falando com o Sr. Presidente da Comissão, já aqui há uns meses, recordo-me de lhe ter pedido que diligenciasse junto do Governo a obtenção dessa documentação — e ainda era, na altura, Ministro dos Assuntos Parlamentares Miguel Relvas —, chamando a atenção para a importância de dispormos da dita documentação, e esse contacto foi feito. O Governo manifestou, na altura, toda a abertura para pôr à disposição os

meios que fossem necessários para a localização dessa correspondência, uma vez que, com ofício para trás e ofício para a frente, nós avançamos pouco. Já fomos, aliás, fazer uma visita a um depósito de documentação do antigo Ministério da Defesa, sito em Paço de Arcos, que é, também, um mundo... A verdade é que os ofícios não aparecem!

Ora, eu não acredito que nem no Ministério da Defesa, nem no Estado-Maior-General das Forças Armadas, nem no Ministério dos Negócios Estrangeiros não exista rasto dessa correspondência. Não acredito! Que não exista nem rasto dessa correspondência, nem explicação para o seu desaparecimento!

Portanto, insistia em que a Sr.^a Presidente diligenciasse nesse sentido, porque a única forma de localizar a correspondência é, eventualmente, alguém, se o Governo quiser nomear uma pessoa, ir (de manhã, à tarde, à noite, no dia seguinte, na semana seguinte) à procura disso e produzir um relatório, dizendo se encontrou, se não encontrou, que informações colheu, que nos permita saber se, de facto, desapareceu e por que é que desapareceu, ou onde é que está, para que possamos ver essa documentação. Caso contrário, teremos de fazer uma participação à polícia, propriamente dita, para que ela nos encontre esse documento, o que, enfim, seria um bocadinho excessivo. Mas, de facto, não podemos estar com esta dúvida relativamente a correspondência que vem mencionada num relatório da Inspeção-Geral de Finanças e cuja relevância ou irrelevância desconhecemos, porque não conseguimos analisar a correspondência em si mesma.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Sr. Deputado, tomei boa nota da sua sugestão e também da sua preocupação e que irei transmitir ao Sr.

Presidente da Comissão. Aliás, amanhã, teremos a oportunidade de, novamente, levantar esta questão.

Entretanto, informo que deu entrada na mesa um requerimento, apresentado pelo PSD e CDS-PP, na sequência da audição de ontem, do Sr. Fernando Farinha Simões, que vem requerer a audição do Sr. William Hasselberg, considerando tratar-se da audição requerida na sequência de afirmações proferidas pelo depoente Sr. Fernando Farinha Simões, que, foi ouvido ontem, à porta fechada. Requerem que esta audição seja também ela efetuada à porta fechada.

Nesse sentido, vou colocar o presente requerimento à consideração dos Srs. Deputados e submetê-lo a votação.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Peço a palavra, Sr.^a Presidente.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Tem a palavra, a Sr.^a Deputada Inês Medeiros.

A Sr.^a **Inês de Medeiros** (PS): — Sr.^a Presidente, peço desculpa, mas não estando presente a Sr.^a Deputada Isabel Oneto, que é a nossa coordenadora, e tendo dado entrada hoje este requerimento, pedimos que o mesmo seja votado amanhã, porque não tivemos tempo de tomar uma decisão e de falar sobre ele.

Portanto, peço que esta discussão e votação sejam adiadas para amanhã.

A Sr.^a **Presidente** (Andreia Neto): — Muito bem, Sr.^a Deputada, o requerimento será, então, votado na próxima reunião, que está agendada para amanhã.

Não havendo mais pedidos de palavra, dou por encerrada esta reunião.

Muito obrigado, Srs. Deputados.

Eram 13 horas e 17 minutos.

A DIVISÃO DE REDAÇÃO E APOIO AUDIOVISUAL.